

IGREJA EVANGÉLICA BATISTA DE VIRADOURO

Pr. José Antônio Corrêa

CONHECENDO MAIS A DEUS

ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

CONHECENDO MAIS A DEUS

Extraído do site: <http://revistadominical.sites.uol.com.br/revista.htm>

Pr. José Antônio Corrêa

Lição 01 - CONHECENDO O DEUS QUE SE REVELA, Rm 1.18-32

INTRODUÇÃO: Sabemos que para se conhecer mais a Deus é necessário, também, conhecer melhor os Seus atributos. No entanto, na maioria das vezes em que nos atemos ao seu estudo, ficamos tão deslumbrados com a sua onipotência, onisciência, bondade, justiça etc., que nos esquecemos da Sua Pessoa bendita. É como conhecer as propriedades da água, mas não bebê-la. Queremos, neste trimestre, conhecer não somente os atributos de Deus, mas a Ele próprio. "Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor: como a alva, será a sua saída; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra" (Os 6.3).

I - DEUS SE REVELA POR MEIOS ESPECÍFICOS

Sabemos que o conhecimento de Deus é limitado ao homem. É o infinito contrapondo o finito; o eterno em oposição ao transitório: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer (...) Deus lho manifestou" (Rm 1.19). Na nossa busca pelo conhecimento de Deus, não podemos ir além do que nos está revelado. Todavia, devemos nos empenhar ao máximo neste objetivo, uma vez que conhecer a Deus é mais aprazível do que viver desgastando-nos neste mundo, sem tempo para Ele (Os 6.6). Portanto, vejamos as maneiras como Deus se revela:

1. Por meio das coisas criadas - "Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas..." (v. 20a). Este versículo mostra claramente a revelação de Deus por meio da natureza, utilizando até alguns de seus atributos, tais como: poder e divindade. O Salmo 19.1 diz: "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos". Assim vemos que Ele se revela por meio de Sua criação. É impossível contemplar a perfeição da natureza e não enxergar nela Seu Criador. Todavia, o homem, por causa da sua natureza caída que lhe turva a visão, mesmo diante de fatos inequívocos, é impedido de ver o Ser divino na beleza e perfeição da criação, perdendo de vista o Criador. Em Romanos 1.18, Paulo destaca que, devido à impiedade e perversão dos homens, há uma supressão do verdadeiro conhecimento de Deus: "... que detêm a verdade em injustiça". A natureza é capaz de impactar qualquer pessoa que a contemple, porém há muitos que se mantêm insensíveis a tal revelação.

2. Por meio das Escrituras Sagradas - "Porque com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo" (At 18.28). A natureza não é totalmente suficiente em sua revelação, pois apenas enxergar a Deus por meio dela, não nos leva a salvação se não prosseguirmos neste conhecimento: "E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou..." (Rm 1.28). Para preencher essa lacuna, Deus nos deu sua Palavra. Nela estão reveladas as verdades que Ele deseja nos comunicar. Jesus disse em João 5.39: "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam"; e, em 2 Timóteo 3.16, o apóstolo Paulo admoesta-nos que "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça". Neste contexto, a palavra "inspirada" pode ser corretamente substituída por "comunicada", pois nos comunica os propósitos de Deus. É importante crermos na Bíblia como suficiente em nos revelar tudo aquilo que podemos conhecer acerca do Senhor.

3. Por meio de Jesus Cristo - "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho" (Hb 1.1). As revelações de Deus apresentadas até agora podem ser consideradas preliminares, pois apenas em Cristo elas atingem o seu ápice. É Jesus quem nos apresenta a verdadeira revelação divina. O primeiro capítulo de Hebreus mostra-nos que, em Cristo, Deus se revela como o criador de tudo. Ele é a expressão exata da Pessoa do Pai (Hb 1.3). Podemos confirmar este fato na pergunta de Filipe a Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta" (Jo 14.8). A resposta do Senhor não deixa dúvida de que Ele não somente é a voz do Pai, o Verbo divino, mas é, também, a máxima revelação da Sua pessoa: "... quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9).

II - A REVELAÇÃO DE DEUS GERA IMPLICAÇÕES

O conhecimento de Deus é adquirido à medida que amadurecemos e buscamos a sua revelação pelos meios citados anteriormente. Uma vez conhecedores dos meios pelos quais Deus se revela, nossa vida nunca mais será a mesma. Seremos plenamente abençoados se atentarmos para esta revelação, colocando em prática tudo o que ela nos comunica. No entanto, se formos negligentes sofreremos o dano, como veremos a seguir:

1. Ela torna o ser humano indesculpável - "Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêm pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis" (v. 20b). Na medida em que conhecemos a Deus, tornamo-nos

conscientes de que Ele é santo e, a partir desse momento, percebemos que somos impuros e corruptos por natureza. Se negligenciarmos em prosseguir nesse conhecimento, ficaremos sem condições de apresentar desculpas, pois ficará evidente que recebemos um fecho de luz, mas procuramos tapar a fresta por onde ela entrava, a fim de não nos comprometermos com esse Deus santo. Ele se revelou por meio das coisas que estão criadas, mas os homens não se importaram em conhecê-lo. No entanto, o texto diz que Deus pode ser conhecido, ainda que limitadamente, por meio de sua criação. Como diz certo hino: "Ninguém errará o caminho que conduz ao céu". É evidente que, para que se acerte o caminho, o ser humano necessita querer: "Portanto, convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas" (Hb 2.1).

2. Ela possibilita ao ser humano honrá-lo como Deus (vv. 21-22). Conhecer a Deus é fácil se considerarmos que a revelação da Sua Pessoa nos é dada gratuitamente, independe de duro esforço mental. Vem ao homem como a luz do sol que cai sobre um espaço aberto. Basta querer conhecer e recebê-lo. Por outro lado, torna-se difícil porque existem certas condições a serem satisfeitas, mas a natureza humana corrupta as rejeita. Considerando a revelação divina como uma grandiosa dádiva, devemos dar a ela a importância devida, pois é por meio desta revelação que somos redimidos e passamos a conhecer melhor quem Deus realmente é. Esta revelação nos proporciona bem-estar espiritual, estreita nosso relacionamento com Ele e nos capacita a prestar-lhe um culto aceitável. Ao receber a revelação de Deus, o homem muda sua conduta, e influencia outras pessoas a fazerem o mesmo.

3. Ela aponta para o juízo de Deus sobre os que o rejeitam (vv. 23-32). A essência da idolatria está nas ideias indignas que temos a respeito de Deus, como o texto bíblico revela: "Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu (...). E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis (...) e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém!" (Rm 1.21,23,25).

Como disse Tozer: "Um deus gerado nas sombras de um coração decaído não poderá naturalmente ser a imagem real do Deus Verdadeiro, mas sem dúvida esta é uma afronta ao Deus altíssimo perante o qual os serafins exclamam: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos!"." O texto enfatiza que os homens rejeitaram em seu coração a revelação que receberam de Deus. O coração refere-se ao sentimento, vontade e intelecto dos homens. Assim, por opção, deixaram-se dominar pela maldade e por todo o pecado, dando lugar às tendências idólatras de sua natureza e à vida de pecado impenitente. Deus se revelou a eles, mas negligenciaram Sua revelação, preferindo suas vidas pecaminosas. Como consequência, perderam o acesso a Deus, caminharam para uma vida de depravação e se distanciaram da salvação divina. Negligenciar a revelação de Deus é a raiz de muitos outros males e, por isso, os que assim procedem, recebem o juízo divino (Rm 1.24-32).

CONCLUSÃO: Nesta lição, vimos que, por meio das coisas criadas, Deus se revela a fim de que o encontremos. É possível conhecê-lo, também, por meio de Sua Palavra que é "fiel e digna de toda a aceitação" (1Tm 4.9). A revelação divina se completa em Jesus Cristo, porque n'Ele se encerra tudo o que Deus deseja nos comunicar. Ele mesmo nos disse: "... ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (Mt 11.27). Enquanto cristãos, devemos nos empenhar em conhecê-Lo, assumindo as responsabilidades que Sua revelação nos impõe. Portanto, "Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor..." (Os 6.3).

Lição 02 - CONHECENDO O DEUS ESPÍRITO, Jo 4.22-24

INTRODUÇÃO: No mundo contemporâneo, o culto ao materialismo é o que tem guiado os seres humanos, principalmente em suas buscas desenfreadas por "status" que os sobreponham a seus semelhantes. A "materialidade" ganha força na disseminação do vírus: "Você é o que tem". A igreja cristã, nesse contexto, parece ter sido infectada por esse sorrateiro mal. Deus não podendo ser visto, tocado e exposto em vitrines, não se encaixa nessa tendência. E realmente, não fará esforço algum para se adequar a esse mundo. A questão é que, como cristãos, para não perdermos essa disputa, muitas vezes queremos "materializar" Deus. Desconsiderando sua natureza espiritual, pretendemos vinculá-lo ao mundo visível para termos o que mostrar como trunfo. Diante disso, de forma urgente, precisamos reformular conceitos e reaprender o que significa servir ao Deus que é Espírito. É o que esta lição se propõe a apresentar. Vejamos:

I - DESCOBRINDO O DEUS ESPÍRITO

A Bíblia nos traz o conhecimento de que Deus é uma pessoa (Jó 13.8). Entretanto, não como eu ou você, visto que uma característica importantíssima, dentre outras, O separa dos demais seres, qual seja o de ser substancialmente espírito e, como tal, invisível aos nossos olhos, mas, sempre presente. Vejamos como Ele se apresenta:

1. Revelado por Jesus Cristo (Jo 4.24a). Jesus, ao afirmar à mulher samaritana que "Deus é espírito", alude à essência de Deus, indicando que sua natureza é espiritual. Essa revelação nos faz compreender

que, para que haja a possibilidade de se comunicar com Deus, é necessário que o homem também adquira uma natureza semelhante. Ao nascermos, já possuímos uma natureza carnal que nos levará, inexoravelmente, a praticar o mal que está em nosso coração (Mc 7.21-23). Nessa condição, não se pode agradar aquele que nos criou (Rm 8.8). A nova natureza que é espiritual, apenas é possível no Cristo ressurreto, por meio da regeneração. Este processo é determinante para que sejamos "de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível" (1Pe 1.23a).

2. Revelado por Paulo (2Co 3.17a). Após compartilhar a mensagem de que "o Senhor é Espírito", no verso seguinte, Paulo afirma que "todos nós, com cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor". Esse verso nos deixa claro que, em busca da transformação completa de nossa natureza para nos moldar à natureza espiritual de Cristo, precisamos passar por um "processo de glorificação". A glória de Deus é a reflexão de Seu caráter. Portanto, esse processo consiste no meio pelo qual Deus irá "resplandecer o seu rosto sobre nós" (Sl 67.1b), ou seja, teremos os atributos de Deus sendo gravados em nós e externados pelo nosso caráter. A nossa motivação em seguir nesse "processo de glorificação" é crer que as "aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Rm 8.18b).

II - BUSCANDO ADORAR AO DEUS ESPÍRITO

Mesmo não podendo ser visto e, conseqüentemente, tocado, Deus é real. O fato de ser espírito, de forma alguma, nos impossibilita a conhecê-lo, muito menos de ter sua essência sentida e compreendida por meio de Seus atributos, principalmente aqueles que são refletidos em Cristo, que é o "resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3). O próprio Cristo afirmou que se o conhecêssemos, também conheceríamos o Pai (Jo 14.7). Não amamos a quem não conhecemos, logo não haverá adoração genuína, que é aquela fundada no amor, se não houver uma busca incessante por conhecer cada vez mais Aquele que é o objeto da nossa adoração, Deus. Vejamos como podemos buscá-lo:

1. Enquanto há tempo e enquanto se pode achar. Jesus disse à mulher samaritana: "a hora vem, e agora é..." (Jo 4.23a). É o mesmo que dizer: "a hora é esta, e é agora". A Igreja Cristã passa por um período de contradição entre suas ações presentes e suas expectativas de futuro. Isso porque, passamos tempo demais em busca de bem-estar pessoal. Muitos têm "penhorado", "vendido" ou "trocado" sua coroa, esquecendo que Ele virá em breve buscar aqueles que O aguardam (Ap 3.11). É hora de compreendermos que o tempo de cuidar mais do que não se deteriora chegou. É hora de desapegarmos das coisas que perdem o valor ou tornam-se obsoletas como as que temos nos ocupado nos dias atuais. É hora de viver o reino. É tempo de recomeçar do ponto onde a esperança do porvir foi trocada pelo receio de perder oportunidades materiais. Devemos compreender que temos a oportunidade e o privilégio de buscar ao Senhor enquanto se pode achar, e de invocá-lo enquanto está perto (Is 55.6).

2. Enquanto há lugar. "Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem" (Jo 4.23b). Essa verdade nos desafia a jogar por terra toda sorte de tradições, rituais, idolatrias mascaradas, bem como as nossas tentativas de "materializar" Deus ou a nossa fé. A adoração pura e agradável a Deus surge do entendimento de que ela não depende do lugar físico (templo), dos líderes religiosos, do rebuscamento dos sermões ou da qualidade do louvor, embora tudo isso contribua; ou "não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1Co 3.16). E outra, sem essa nova natureza espiritual que Jesus nos dá é impossível se comunicar com o Pai, quanto mais adorá-lo, pois "importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.24b). Esse estilo de vida de comunicação e comunhão constantes é a adoração que o Deus espírito anseia para Suas novas criaturas.

III - VIVENDO O DEUS ESPÍRITO

Viver o Deus Espírito é uma consequência daqueles que se empenham em primeiro conhecê-lo para, então, buscar adorá-lo com mais sinceridade. Nesse estágio de relacionamento, haveremos de usufruir experiências advindas de variadas situações, que trarão às nossas existências um sentimento maior de completude, de profunda satisfação, em todos os sentidos. Estaremos convictos em continuar no caminho que conduz à salvação, mesmo sabendo das renúncias necessárias, pois saberemos e sentiremos o "por que" e o "para quê" estamos fazendo tudo isso. Gozaremos da grandeza desse Deus que, como espírito:

1. Está em todo lugar (Sl 139). Apenas o Deus Espírito pode conhecer tantos detalhes de seus filhos. Ele cerca nosso andar, como também nosso levantar, analisando e se preocupando com cada pequeno detalhe. Entende pensamentos que sequer chegaram à língua para serem externados. Não tem o quê ou como esconder de nosso Pai o que se passa. Nessa perspectiva, cabe a nós compreender que não estamos sós. Por mais que fisicamente assim pareça em vários casos, o Deus em quem temos crido se faz presente. Vivenciar esta verdade afastará todo tipo de sentimento que insiste nos manter como um terreno espiritual impróprio para o Seu mover. A ansiedade não mais terá lugar, embora tenha gerado tantos males em nossas vidas por tanto tempo (Mt 6.25-34). Estaremos sensíveis a percebê-Lo em meio ao silêncio e a entender que há muito tempo Ele se revela a cada um de nós, pelas coisas que estão criadas (Rm 1.20).

2. Está ansioso para habitar em nós (1Co 3.16a). A passagem nos traz a seguinte pergunta: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus...". Se somos o templo de Deus, conforme nos faz lembrar o apóstolo Paulo, a constatação de que Ele está, em espírito, com a intenção de habitar em nosso ser, deixa-nos o dilema de arrumar este "templo" para essa estadia. Se "o mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16), resta-nos convir que não precisamos de artifícios, instrumentos, "marketing gospel" como se têm divulgado no meio cristão. A conexão com esse Deus começa quando nos mostramos dispostos, ou seja, quando iniciamos a limpeza dessa "morada", com todo zelo e detalhe que o visitante de gala merece. Devemos sinalizar que Ele é bem vindo para ficar eternamente (Jo 14.23).

CONCLUSÃO: Ante o exposto, visualizamos o real significado de se possuir uma natureza espiritual, visto que nascemos do Espírito (Jo 3.6). Entendemos que o acesso ao Deus Espírito é tão somente possível àqueles que se propuserem a viver nesse sentido. Porém, para isso, é indispensável que fuçamos desse vírus da "materialização" de Deus e de Seus atributos. Fazer joguinhos com o Criador não nos fará crescer em conhecimento, nem nos trará a verdadeira sabedoria. Entendamos que a pedra que susterá nosso "edifício" espiritual é Cristo, e que só por esse meio, "todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito" (Ef 2.21-22).

Lição 03 - CONHECENDO O DEUS SANTO, 1Pe 1.13-16

INTRODUÇÃO: O cristão deve buscar conhecer a Deus de forma plena e profunda, numa trajetória cristã ascendente, voltando-se de coração para o que está expresso em Sua palavra, quando diz: "E dar-lhes-ei coração para que me conheçam, porque eu sou o Senhor; e ser-me-ão por povo, e eu lhes serei por Deus; porque se converterão a mim de todo o seu coração" (Jr 24.7). A busca pelo conhecimento do Deus que é santo envolve, dentre outras coisas, um comprometimento total com a santidade, a comunhão e a intimidade com Ele. Vale ressaltar que um dos sentidos da palavra santo é "separado". Essa lição objetiva mostrar que Deus, sendo totalmente separado do mal, é santo em sua essência, conduta e em seus relacionamentos, e requer do cristão uma conduta santa compatível com a Dele. Atente para estes diferenciais:

I - DEUS É SANTO EM SUA ESSÊNCIA

"E clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). A santidade é o atributo que expressa a genuína pureza moral de Deus, tornando-o intolerante à maldade. Deus é distintivamente santo. Esse atributo divino, além de ser uma referência à sua total separação do mal, ratifica também sua glória e honra. Observe:

1. Santidade que o separa irremediavelmente do mal (1Jo 1.5). Neste versículo, João destaca uma verdade singular acerca do Deus Santo, referindo-se à sua extrema e invariável santidade, bem como à sua pureza moral: Ele é luz. João obteve essa percepção a partir do convívio com o próprio Deus encarnado, Jesus. A Bíblia destaca com frequência o antagonismo existente entre a luz e as trevas, ressaltando a impossibilidade de compartilharem o mesmo espaço, pois sempre a luz dissipará as trevas. Isso ratifica que Deus, sendo luz, propaga bondade, verdade, perfeição e santidade. Ele é totalmente puro, santo e separado do mal. "Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim não permaneça nas trevas" (Jo 12.46).

2. Santidade que confirma sua glória e honra (Is 6.3b). A reverência a qual o versículo faz alusão mostra o quão imensurável é a plenitude da glória do Deus Santo. A santidade do Senhor torna glorioso e majestoso o ambiente onde Ele habita, levando os serafins a exaltarem continuamente Sua pureza. Esta glória divina, carregada de santidade, pôde ser observada no Sinai (Êx 19.1-24); na visão magnífica de Ezequiel (Ez 1) e, para Paulo, na estrada de Damasco (At 9). Contemplar a glória santa de Deus, em toda a Sua autossuficiência, é uma atitude reverente e respeitosa que deve fazer parte da vida de todos que chamam pelo Seu nome. Deve igualmente levá-los a devotá-Lo inestimado apreço, dando-Lhe o lugar mais precioso do coração, com atitudes que proclamem Sua glória e honra (Ap 19.1).

II - DEUS É SANTO EM SUA CONDUTA

"Pelo que vós, homens de entendimento, escutai-me: longe de Deus a impiedade, e do Todo-poderoso, a perversidade" (Jó 34.10). Deus é completamente apartado de qualquer iniquidade e totalmente intolerante para com a perversidade humana. Todo o Seu proceder é baseado no Seu caráter santo. Observe:

1. Santidade que o mantém afastado do pecado (Sl 5.4). O versículo mostra que o Senhor tem verdadeira aversão ao pecado. Tanto Ele não se compraz, quanto não admite que a injustiça ou qualquer iniquidade permaneça a Sua volta, como bem expressou o profeta Habacuque: "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal..." (Hab 1.13). O afastamento de Deus em relação ao pecado leva-o a distanciar-se também do ser humano, uma vez que este está imerso em suas muitas transgressões (Is 59.2). Na busca por uma reaproximação com suas criaturas, Deus proveu um meio de desfazer este abismo intransponível, enviando a Cristo para que, por meio de um sacrifício vicário em prol da humanidade, pudesse reconciliá-la com Ele.

Só o sangue de Jesus pode purificar o coração do homem de toda a maldade. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mt 5.8).

2. Santidade que o torna intolerante para com a perversidade do mundo (Js 24.19). Hoje o mundo trata a iniquidade e o mal como coisas relativas ou necessárias. Influenciados por este pensamento, muitos cristãos têm optado por pregar um evangelho ameno demais, incapaz de transformar vidas, e que se amolda às conveniências de cada um. Isso é antibíblico e ofensivo à santidade divina. O versículo acima ressalta o caráter intolerante de Deus diante da perversidade do ser humano, que pensa ser possível apresentar-se diante Dele com suas imundícies que não Lhes são ocultas. Atente para a advertência de Paulo: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça" (Rm 1.18). Esta ira não é impulsiva ou explosiva como a humana; antes, é uma repulsa intrínseca de um Deus santo, cuja natureza é inalterável, e diante de quem o mal não se sustém.

III - DEUS É SANTO EM SEUS RELACIONAMENTOS

O texto de Levíticos 19.2 enfatiza uma santidade que deve ser expressa e evidenciada em todos os aspectos da vida cristã. Além de santo, Deus é também santificador, traçando assim normas para relacionamentos santos e parâmetros morais para a humanidade. O que torna possível o relacionamento do homem com Deus é a busca por uma vida pura e por uma semelhança cada vez maior com o Pai. Atente:

1. Santidade que requer pureza para o acesso a Ele (Hb 12.14). Não há outra maneira de se relacionar com um Deus santo que não seja por meio da santidade. Para trilhar o caminho da santificação, muitas coisas são necessárias, dentre elas o separar-se das coisas do mundo, andando por veredas que evitem pecado ou impureza de qualquer ordem; somadas ainda a atitudes que propicie uma dedicação a Ele e ao seu reino. A santidade de Deus deve ser a principal motivação para que o cristão busque total pureza moral em seu modo de vida. A plena pureza de Deus O leva a repudiar o mal. Desta forma, para estar em Sua presença, faz-se necessário ter a mesma disposição (1Ts 5.23).

2. Santidade que requer que nos assemelhemos a Ele (1Pe 1.15). Inicialmente, homem e mulher foram criados à imagem de Deus, como coroas da criação, e enalteciam a Sua glória. Ainda hoje, os animais e os astros celestes proclamam a glória de Deus, cumprindo assim o propósito para o qual foram criados. Porém, o homem, em oposição a toda a criação, escolheu dar as costas para o Senhor, optando por uma vida iníqua, perdendo sua semelhança com o Criador. A permanência nessa imagem disforme torna impossível qualquer aparência com o Pai. Para um retorno à imagem divina, só há um caminho: buscar um viver santo, de acordo com os propósitos divinos. Assemelhar-se a Deus não diz respeito apenas a frequentar cultos ou a desempenhar atividades eclesiais; mas implica em refletir Sua imagem por meio de atitudes justas, verdadeiras e de misericórdia (Mq 6.8 - NVI).

CONCLUSÃO: Conhecer e se relacionar com o Deus santo é um privilégio para o cristão. É um relacionamento que propicia desdobramentos apaziguadores e de grandes bênçãos. Por meio da igreja, a santidade de Deus pode e deve ser revelada e propagada ao mundo em trevas. Os povos verão a santidade do Senhor na medida em que a virem sendo refletida no Seu povo. Esta lição indica a trajetória para uma aproximação da humanidade a Deus, que é alcançada por meio da escolha por uma vida de santidade, refletida na conduta e nos relacionamentos, pois a Sua palavra enfatiza: "Assim diz o Senhor, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o Senhor teu Deus, que te ensina o que é útil, e te guia pelo caminho em que deves andar" (Is 48.17).

Lição 04 - CONHECENDO O DEUS GRACIOSO, Ef 2.1-19

INTRODUÇÃO: Como disse Philip Yancey: "A graça é gratuita para pessoas que não merecem e eu sou uma dessas pessoas". Quem é o Deus da Bíblia? Como Ele trata aqueles que se aproximam dele? Porventura em nossas relações com Jeová devemos esperar algum gesto de bondade, apreço e aceitação? Evidentemente que sim. Outra pergunta: Seria o Todo Poderoso indiferente às necessidades da alma humana? Lógico que não, visto que Ele é gracioso. A graça (favor imerecido) é a essência da personalidade divina. Portanto, a caricatura de um deus mal, insensível, omisso e opressor em nada se identifica com JEOVÁ JIRÉ (o Senhor da providência). Se pudéssemos resumir todas as palavras de Deus em uma única, esta seria graça. Na lição de hoje, aprenderemos sobre o Deus, cujo favor é notório em todos os tempos, para com todas as pessoas, e em todos os seus propósitos.

I - DEUS É GRACIOSO EM TODOS OS TEMPOS

"Portanto, lembrai-vos de que vós, noutro tempo, éreis gentios na carne e chamados incircuncisão pelos que, na carne, se chamam circuncisão feita pela mão dos homens" (Ef 2.11). A graciousidade de Deus se confunde com seu próprio caráter. Como o caráter Dele é atemporal (que transita no tempo), significa que nunca houve e jamais haverá um período em que Ele deixe de ser gracioso. Sendo Deus o Senhor do tempo (Mt 12.8), podemos observar a manifestação do seu favor em todas as eras. Vejamos:

1. Deus foi gracioso no passado - "Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). Sequer imaginávamos andar na prática das boas obras, e o Senhor já as preparava para que caminhássemos nelas. Éramos estranhos ao concerto, inimigos de Deus, guiados pelo velho homem e, nesse ínterim, Ele trabalhava a nosso favor. É fato que o cordeiro de Deus foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13.8). Quando nada ainda havia, quando éramos inexistência, o Deus gracioso já revelava mercê a nós. Se fizessemos uma retrospectiva, veríamos a mão do Deus gracioso em todo o nosso passado. Há um memorial diante de nós que exprime o quanto Ele nos fez. O hino 564 da Harpa Cristã traduz bem esta ideia. O refrão destaca: "Conta as bênçãos! dize quantas são, recebidas da divina mão! Vem dizê-las, todas duma vez, E verás, surpreso, quanto Deus já fez!".

2. Deus é gracioso no presente - "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (Ef 2.13). A declaração do apóstolo Paulo é contundente. Ele diz: "Mas, agora...", referindo-se ao momento atual. O Deus gracioso não atua só no passado, mas age também no presente. Ele não é uma peça de museu, cuja lembrança faz alusão apenas a tempos remotos. Também não é uma recordação vaga daquilo que ficou para trás. Ele operou no ontem, mas também realiza no hoje. Ao paraplético de Betesda, Jesus disse: "Levanta-te, toma tua cama e anda" (Jo 5.8). O milagre aconteceu naquele momento, instantaneamente. Em Tito 2.11, está escrito que a graça de Deus se há manifestado (tempo presente), trazendo salvação a todos os homens. Evidentemente temos que nos lembrar do favor Dele outrora operado. O Salmo 103.2 enuncia: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios". Ocorre que estas benesses não são peças decorativas. Elas estão disponíveis ainda hoje.

3. Deus será gracioso no futuro (Ef 2.7). Contamos com o Deus gracioso no passado, devemos confiar Nele no presente, sem nos esquecer de seu favorecimento futuro. O versículo sete afirma que o Senhor mostraria, nos séculos vindouros, as abundantes riquezas da sua graça. Isso significa que o hoje é melhor que o ontem e que o amanhã será melhor que o hoje. Afinal, Jeová é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós (Ef 3.20 ARA). Sabemos que as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam (1Co 2.9). Futuramente, Ele nos dará uma coroa de glória (1Pe 5.4).

II - DEUS É GRACIOSO COM TODAS AS PESSOAS

"Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo..." (Ef 2.4-5). Deus é gracioso em todas as épocas, mas sua graça só tem sentido se direcionada às pessoas. Vejamos neste tópico como Ele evidencia a sua graciousidade:

1. Deus é gracioso ao vivificar pessoas - "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (Ef 2.1). Segundo a Bíblia, nós estávamos mortos, mas revivemos; éramos perdidos, mas fomos achados (Lc 15.32). Foi o Deus gracioso quem fez isto. Ele nos vivificou. Nele, e somente Nele, encontramos vida (Jo 1.4), e é por meio de seu filho Jesus (o pão de Deus descido do céu) que dá vida ao mundo (Jo 6.33). Nem mesmo a sepultura poderá nos deter, visto que Ele é a ressurreição; e quem nele crê, ainda que esteja morto, viverá (Jo 11.25). Ele nos vivifica por meio de seu espírito (Jo 6.63), quando ouvimos a sua palavra e cremos naquele que O enviou. Quando assim procedemos, temos a vida eterna e não entramos em condenação (Jo 5.24).

2. Deus é gracioso ao reconciliar pessoas - (Ef 2.15-16). O texto narra que, em tempos passados, estávamos sem Cristo, separados da comunidade de Israel e estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança e sem Deus no mundo (Ef 2.12). Prossequindo, a escritura afirma que, agora, em Cristo Jesus, nós, que antes estávamos longe, pelo sangue de Cristo, chegamos perto (Ef 2.13). Ele nos reconciliou consigo mesmo, não apenas construindo a ponte que nos dá acesso à sua presença, como também quebrando todas as barreiras de separação que depunham contra nós. Em outras palavras, Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados (2Co 5.19). Por essa razão, podemos nos gloriar Nele por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual alcançamos a reconciliação (Rm 5.11).

3. Deus é gracioso ao exaltar pessoas - "... e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus" (Ef 2.6). Há uma diferença gritante em relação a quem éramos e o que somos. Estávamos mortos em ofensas e pecados, andávamos segundo o curso deste mundo e segundo o príncipe das potestades do ar, nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira (Ef 2.1-3). Estávamos condenados ao inferno, mas felizmente, Paulo não para por aí. Ele descreve: "Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou" (Ef 2.4), nos resgatou. Que coisa extraordinária! Deus atua por meio de sua graça, manifestando misericórdia. Não bastasse nos vivificar e nos reconciliar, Ele nos exaltou, fazendo-nos assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus. O Deus gracioso nos elevou da condição de pobres a ricos; de servos a amigos; de filhos da ira a filhos seus. Oh profundidade de amor e graça! O que éramos e o que somos, em Cristo, distam tanto quanto o oriente do ocidente.

III - DEUS É GRACIOSO EM TODOS OS SEUS PROPÓSITOS

"Na sua carne, desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz" (Ef 2.15). A expressão da bondade de Deus tem um fim em si mesmo. O Senhor não faz nada sem propósito. Vejamos neste tópico quais os objetivos Dele em ser gracioso.

1. O Deus gracioso visa a prática das boas obras - (Ef 2.10). Porque será que Deus fez tudo isso por nós? Quais os seus objetivos em demonstrar ao seu povo o seu caráter gracioso? Uma das razões é nos tornar semelhante a ele, no que concerne a prática do bem. Mateus 5.16 argumenta: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus". Ao enxergarem em nós traços do caráter de Deus, os homens poderão vê-lo e glorificá-lo. Se as boas obras forem um fato na vida dos cristãos, a Igreja não será achincalhada, mas cairá na graça do povo e, com isso o Senhor será engrandecido (At 2.47; 1Pe 2.15).

2. O Deus gracioso visa à prática da comunhão - (Ef 2.19) Outra razão para que Deus se revelasse gracioso, dispensando-nos vida e reconciliação, é a comunhão entre os santos. Ele odeia o sentimento faccioso, a disputa, o partidarismo. A divindade abomina o espírito de aversão e egoísmo entre homens. O apóstolo expõe que Cristo, "na sua carne, desfez a inimizade (...) para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz" (Ef 2.15). O nosso Deus é pacificador. Ele quer nos tornar concidadãos dos céus. Concidadão é a pessoa que, em relação a outra, é do mesmo país ou cidade. Ou seja, nós jogamos no mesmo time, fazemos parte da mesma família, e somos filhos do mesmo Pai (Mt 6.9). Sendo assim, espere-se dos crentes a unidade (Jo 17.21): "E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns" (Atos 4.32).

CONCLUSÃO: Jeová foi gracioso conosco no passado, é no presente e será no futuro. Ele demonstra sua gratidão ao nos vivificar, reconciliar e exaltar. E tudo isso com um propósito: a prática das boas obras e a comunhão entre os santos. Não obstante, em relação à graça é possível: resisti-la (Hb 12.15), recebê-la em vão (2Co 6.1), anulá-la (Gl 2.21) e abandoná-la (Gl 5.4).

Lição 05 - CONHECENDO O DEUS JUSTO, SI 9.1-10

INTRODUÇÃO: Crescer no conhecimento de Deus não é apenas uma necessidade para aqueles que abraçam a fé cristã, mas trata-se de um imperativo bíblico: "Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor..." (Os 6.3a). E, nesta nossa busca por mais conhecimento de Deus, devemos nos voltar com inteira diligência para o seu caráter justo, que é facilmente observável em todos os aspectos de Sua pessoa. Deus sempre age em conformidade com o que é direito. Afinal, Ele é o padrão definitivo pelo qual se mede o que é justo. Nesta lição, veremos que Deus é justo em relação a si mesmo, em relação às atitudes humanas e também em relação às suas exigências para com os seus servos. Vejamos:

I - DEUS É JUSTO EM RELAÇÃO A SI MESMO

"Justo é o Senhor em todos os seus caminhos e santo em todas as suas obras" (Sl 145.17). A justiça em Deus não é como uma roupa com a qual nos vestimos que, embora esteja sobre o nosso corpo, sabemos que ela não faz parte de nós. Ser justo é intrínseco à pessoa de Deus e este atributo é refletido diretamente em todos os seus caminhos. Vejamos:

1. Ele é justo em suas palavras - "... eu sou o Senhor, que falo a justiça e anuncio coisas retas" (Is 45.19b). Uma das formas do ser humano ser facilmente contraditado é por meio de suas palavras. Quantas vezes dizemos uma coisa e agimos de forma contrária àquilo que dissemos? Quantas vezes falamos algo com relação a alguma pessoa e, depois, fica comprovado que nossas palavras foram completamente irrefletidas? No que diz respeito a Deus, isso jamais pode ocorrer, pois "... as palavras do Senhor são palavras puras como a prata refinada em forno de barro e purificada sete vezes" (Sl 12.6). Tudo o que procede da boca de Deus, sejam as Suas promessas, Seus mandamentos ou simples orientações, tudo é carregado de justiça. "E sobre o monte de Sinai desceste, e falaste com eles desde os céus, e deste-lhes juízos retos e leis verdadeiras, estatutos e mandamentos bons" (Ne 9.13).

2. Ele é justo em suas decisões - "Você vai por em dúvida a minha justiça? Vai condenar-me para justificar-se?" (Jó 40.8 - NVI). Por vezes, vemos o caráter justo de Deus sendo questionado em virtude de alguma decisão tomada por Ele que "afrontou" o senso humano de justiça (Ez 18.25,29). Todavia, como seres finitos e imperfeitos que somos, jamais teríamos condições de julgar perfeitamente. Deus, sim, tem todas as informações necessárias a um perfeito veredito. Segundo a Sua Palavra, nossos atos de justiça são, diante Dele, como trapos de imundícia (Is 64.6). Assim, quando estivermos imersos nestas dúvidas em relação à justiça do Senhor, no que diz respeito às Suas decisões, tenhamos em mente as seguintes perguntas retóricas: "Seria porventura o homem mais justo do que Deus? Seria porventura o homem mais puro do que o seu Criador?" (Jó 4.17).

3. Ele é justo em seus feitos - "É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é" (Dt 32.4b - NVI). Por vezes, ouvimos perguntas do tipo: "se Deus sabia que o homem iria pecar, e que em virtude do pecado iria condenar a muitos ao inferno, por que o criou assim mesmo?"; "por que Deus permitiu a matança de tantas crianças inocentes no Antigo Testamento?"; e com relação ao pecado de Davi com Bateseba; "por que Deus não os matou ao invés de ter matado o bebê que nasceu da relação adúltera?". É possível que não tenhamos respostas à altura para estes e outros questionamentos; todavia, segundo a Bíblia: "Ele é a Rocha, as suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos" (Dt 32.4a - NVI). Deus não necessita justificar-se diante de qualquer pessoa, em virtude de ter agido desta ou daquela maneira. Ele não comete erros no que se propõe a fazer, justo e reto Ele é.

II - DEUS É JUSTO EM RELAÇÃO ÀS ATITUDES HUMANAS

"Porque Deus há de trazer a juízo toda obra e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau" (Ec 12.14). Tudo o que diz respeito às atitudes humanas é do interesse de Deus. Nenhum comportamento humano, seja bom ou mau, passa despercebido aos olhos do Senhor. Vejamos o caráter justo de Deus em relação às atitudes humanas:

1. Ele é justo quando aplica sobre o pecado a penalidade devida - "Porque o salário do pecado é a morte..." (Rm 6.23a). Sendo justo, Deus não pode e não vai perdoar um pecado, até que alguém pague por ele e satisfaça a Sua justiça. E quanto a isso, nada que um ser humano venha a fazer, até mesmo um humilde pedido de perdão, vai anular a execução da pena sobre a iniquidade cometida. Todo pecado cometido requererá a satisfação da justiça divina. Para aqueles que foram perdoados, essa punição já recaiu sobre Jesus, quando de Sua morte na cruz do calvário (Is 53.5). Aqueles, contudo, que morrerem em seus pecados, receberão sobre si a justa recompensa (Sl 9.17). Esta verdade deve nos encher de temor e nos levar a uma intensa busca pela santidade.

2. Ele é justo quando concede a todo pecador a oportunidade de salvação - "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens" (Tt 2.11). Todos nós sabemos que, em virtude dos nossos pecados, o que merecíamos era a morte. Assim sendo, Deus não seria de forma alguma injusto se condenasse toda a humanidade ao castigo eterno. Ele, contudo, por meio de Sua graça, enviou a Jesus, para que tivéssemos uma oportunidade de nos reconciliar consigo mesmo (2Co 5.18,19). Por outro lado, Deus não age com injustiça quando resolve salvar a qualquer pecador que se arrependa de seus pecados. Deus o justifica fazendo recair sobre ele a justiça de Cristo: "Àquele que não cometeu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2Co 5.21). Somente em Jesus, Deus pode perdoar pecadores sem violar sua justiça.

3. Ele é justo quando retribui a cada um segundo as suas atitudes - "Longe de ti que faças tal coisa, que mates o justo com o ímpio... Não faria justiça o juiz de toda terra?" (Gn 18.25). Deus não tem o culpado por inocente, e nem o inocente por culpado. Ele não muda seus princípios para favorecer este ou aquele. Para Deus, o ímpio é ímpio enquanto não se arrepender de seus maus caminhos. O que fazemos ou o que deixamos de fazer é que vai determinar a recompensa ou a punição que receberemos da parte Dele. Segundo a Bíblia, "... a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele" (Ez 18.20b). Como consequência direta do caráter justo de Deus, Ele sempre vai tratar com cada ser humano segundo o que ele merecer. "Porque o Senhor conhece o caminho dos justos; mas o caminho dos ímpios perecerá" (Sl 1.6).

III - DEUS É JUSTO EM RELAÇÃO ÀS SUAS EXIGÊNCIAS

"Agora, pois, seja o temor do Senhor convosco; tomai cuidado e fazei-o, porque não há no Senhor, nosso Deus, injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno" (2Cr 19.7 - ARA). Sendo justo, Deus espera que os seus servos procurem viver e andar segundo o seu padrão de retidão e justiça. Para isso, precisamos estar atentos às suas exigências. Vejamos:

1. Ele é justo quando exige que julgemos segundo a verdadeira justiça - "Não julgueis segundo as aparências, mas julgai segundo a reta justiça" (Jo 7.24). Somos muito influenciados pelo que vemos, por isso temos a tendência de julgar baseados na aparência. Às vezes, julgamos uma pessoa por um comportamento que ela nunca praticou, simplesmente porque a olhamos segundo os nossos estereótipos. Em outras situações, ignoramos uma pessoa por fazermos um mau juízo sobre ela, e depois ficamos envergonhados, quando a verdade vem à tona. Não foi assim que aprendemos com Cristo. Acerca Dele, Isaías profetizou: "E deleitar-se-á no temor do Senhor e não julgará segundo a vista dos olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça..." (Is 11.3,4a). Julgar segundo a verdadeira justiça é procurar seguir o exemplo de Cristo.

2. Ele é justo quando exige que sejamos imparciais nos nossos relacionamentos - "Não torcerás o juízo, não farás acepção de pessoas..." (Dt 16.19a). Deus não mostra parcialidade para com quem quer que seja. Nós, enquanto cristãos, devemos agir de igual modo. A parcialidade nos relacionamentos fere a maior lei encontrada nas Escrituras, a lei do amor e, por esta razão, constitui-se numa grave transgressão contra Deus. "Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5.14). O fariseu que subiu ao templo para orar, apresentou diante do Senhor todas as suas supostas

"qualidades", mas emudeceu com relação aos seus defeitos. Mas, quando se referiu às outras pessoas, ele apresentou apenas os defeitos, e não fez menção de nenhuma de suas qualidades (Lc 18.9-14). Isso é injustiça no julgamento, e uma afronta ao caráter justo de Deus.

3. Ele é justo quando exige que vivamos segundo o seu padrão de retidão - "Se sabeis que ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele" (1Jo 2.29). Conhecer mais a Deus implica em imitar ao Seu filho Jesus em todos os seus atos. É claro que, na condição de imperfeição em que nos encontramos, não temos condições de ser justos tal como Jesus foi e é. Isso, contudo, não deve nos desanimar, uma vez que temos a promessa de que, quando Cristo se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como Ele é o veremos (1Jo 3.2b). Entretanto, enquanto o Salvador não vem, devemos buscar a todo custo nos aproximar do padrão divino de retidão e justiça. A Bíblia diz que toda injustiça é pecado, e quem é nascido de Deus não vive na prática do pecado (1Jo 5.17,18).

CONCLUSÃO: Saber que Deus é totalmente justo e que, a despeito de nossas injustiças, podemos nos relacionar intensamente com Ele deve nos encher de regozijo. Por meio deste atributo, aliado à Sua onipotência, temos a convicção de que a justiça vai, no momento certo, prevalecer sobre todo o universo. "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2Pd 3.13). Entretanto, sabendo que esta realidade apocalíptica ainda está por vir, e vivendo em meio a um mundo totalmente corrompido e injusto, necessitamos, como filhos de Deus, viver como pregoeiros da justiça, a exemplo do que fez Noé em sua geração (2Pe 2.5), refletindo em nós este atributo peculiar do Senhor.

Lição 06 - CONHECENDO O DEUS AMOROSO, 1Jo 4.6-12

INTRODUÇÃO: Embora o amor seja um sentimento tão falado, buscado e difundido em estudos, é necessário entender o amor de Deus além da definição filosófico-cultural, da emoção humana, das divisões e linguagens que livros e enciclopédias lhe dão, pois só assim poderemos começar a conhecer o Deus amoroso que tem prazer em se revelar. O amor sendo essencialmente Deus, não pode ser limitado e nem dividido (vv. 7,8). Todos os pensamentos, planos e ações do Senhor são movidos pelo Seu amor perfeito e pleno. Esse amor é inerente e inseparável da natureza de Deus, porque é parte Dele, essência da Sua pessoa. Nesta lição, estudaremos algumas passagens bíblicas que nos comprovam esse amor relacional de Deus para com o homem.

I - DEUS AMA DE FORMA INCONDICIONAL

Somente o próprio Amor poderia demonstrar afeição pelo homem, não se sujeitando a condições para amá-lo plenamente:

1. Seu amor independe de méritos humanos. Em Deuteronômio 7.7,8, Deus explica que escolheu o povo de Israel não porque esse era mais numeroso do que os outros, mas simplesmente porque os amou, para deles fazer uma grande nação que chegou até nós (Ef 2.11-22) e conosco não foi diferente. Deus não visualizou o nosso sucesso intelectual, profissional ou mesmo espiritual, antes nos amou, mesmo quando não O conhecíamos (vv. 10,19). Diferente do homem natural, que só quer amar quando é amado, que expressa sentimento e cuidado como moeda de troca, Deus olha para o homem e o vê como objeto do seu amor, independente das circunstâncias, dos pecados, impurezas ou do quanto esse esteja longe Dele. Este amor sem igual de Deus, por meio de Cristo, pode alcançar, limpar e transformar o velho homem numa nova criatura (2Co 5.17). Romanos 5.8 fala que "Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores".

2. Seu amor independe de qualidades humanas. Estávamos mortos em nossas ofensas, mas Deus "pelo seu muito amor com que nos amou... nos vivificou juntamente com Cristo... e nos fez assentar nos lugares celestiais" (Ef 2.4-6). A Bíblia não diz que o Senhor esperou que fôssemos santos, bons, amorosos, justos ou moralmente corretos, para depois nos amar (Rm 5.6), mas diz que Deus olhando nossa ignorância, nossa arrogância, nossos trapos de imundícia (Is 64.6), ainda assim, nos amou, elevando-nos a condição de Filhos (1Jo 3.1; Gl 3.26). Davi, sabendo que Deus não ama segundo o homem, rasgou-se diante do Senhor, mostrou toda sua impureza, todo o seu pecado e suplicou por um coração puro e por um espírito inabalável (Sl 51.10). Se entendêssemos a grandeza do amor de Deus, a exemplo de Davi, teríamos muito mais ousadia para nos achegar diante Dele, confiantes de que Ele nos ouviria e jamais nos afastaria da sua preciosa proteção. "Como é precioso o teu amor! Na sombra das tuas asas, encontramos proteção" (Sl 36.7 NTLH).

II - DEUS AMA DE FORMA ILIMITADA

A passagem bíblica tão conhecida e declamada de João 3.16 leva-nos ao entendimento da grandeza universal do amor de Deus:

1. Seu amor é manifesto sem medida. No AT, o povo da promessa era Israel (Êx 3.7-10). Com ele, Deus se relacionava, mas, no plano universal, plano de amor e de salvação, feito antes mesmo da fundação do

mundo (1Pe 1.20), todas as nações estavam incluídas (Mt 28.18- 20; Ef 1.4). A astúcia de satanás e a desobediência do homem recém-criado à Sua imagem e semelhança (Gn 2.16-17; 3.1-24) não puderam acabar ou diminuir o amor de Deus. Diante da queda, o Senhor logo apresentou o concerto (Gn 3.15), que na plenitude dos tempos se cumpriu. O melhor de Deus, Seu Filho amado, Jesus Cristo, veio como propiciação a todos (v. 10). "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Ele expiou o pecado pelo seu sangue vertido na cruz, retirou a separação (v. 9), nos redimiu e nos concedeu a salvação (Tt 2.11; v. 14), fazendo-nos possuidores da vida eterna (2Co 5.1) e herdeiros do Seu reino (Mt 25.34; Rm 8.17), tudo por um excelente e sobrenatural amor.

2. Seu amor é manifesto sem acepção. Na casa de Cornélio, Pedro disse: "Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo" (At 10.34-35). Já em Apocalipse 7.9, João faz menção de uma multidão que não se podia contar, "de todas as nações, tribos, povos, e línguas". Deus ultrapassa as fronteiras nacionais, sociais, culturais ou outras quaisquer, porque se importa com a humanidade em geral, mas também com o homem em particular. A Bíblia nos exorta a amarmos ao próximo assim como fomos amados por Deus. "Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros" (v. 11). Uma vez que nascemos de Deus e O conhecemos (vv. 7,8,15) é possível cumprir com o mandamento de amar ao próximo sem distinção ou predileção (Jo 15.12-14). A maior prova de que Deus, por seu infinito amor se colocou ao alcance de todos, consiste na porta de acesso à Sua presença, Jesus Cristo. Cabe aos homens aceitá-Lo como único e suficiente Salvador e permanecer no seu amor. Por meio de Seu Filho, Deus se revela, permitindo-se conhecer e tem prazer em um relacionamento íntimo com o ser humano. Todavia, exige fidelidade e o fiel cumprimento dos seus mandamentos (Jo 13.34-35).

III - DEUS AMA DE FORMA EFETIVA

Diversas são as referências bíblicas que nos remetem ao cuidado que Deus dispensa ao seu povo, dentre elas, destacamos algumas:

1. Seu amor é expresso na correção. A correção do Pai amoroso também é um gesto de amor: "... o Senhor corrige o que ama", diz hebreus 12.6. Deus, em seu infinito amor, deixou-nos vários textos exortativos, parábolas e exemplos bíblicos, para que não saíssemos da sua presença. "Filho meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojas da sua repreensão. Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem" (Pv 3.11,12). Em Hebreus 12. 9-11, lemos que o pai carnal corrige ao filho como bem lhe parece, e, embora essa correção seja temporal, o filho o respeita. Já com o Senhor é diferente. O objetivo maior da disciplina amorosa do Senhor é que haja cura para o doente. O mesmo se pode ver em Apocalipse 3.19, que diz: "Eu repreendo e castigo a todos quantos amo, sê, pois, zeloso e arrepende-te". Permaneçamos no amor de Deus, mesmo que sob correção, pois "melhor é a repreensão aberta que o amor encoberto" (Pv 27.5).

2. Seu amor é expresso no sustento. Mateus 6.25-34 mostra o amor do Senhor face às necessidades primárias da sobrevivência. Deus não deseja que os seus amados fiquem ansiosos quanto à vida. Ele deseja que o homem esteja livre de inquietudes e possa preocupar-se com o reino e com a justiça divina. Ele enfatiza que, como zela pela natureza, também cuida dos seus amados. Outra referência que mostra o amor do Senhor é Filipenses 4.6, que diz: "Não estejais inquietos por coisa alguma...". O homem deve entregar tudo a Deus mediante "oração e súplicas com ações de graça". Na vida espiritual também podem ocorrer fraquezas e desânimos, e nestas ocasiões, Deus traz alento e ânimo. Ante a insegurança de Josué, Deus disse: "... não te deixarei nem te desampararei. Esforça-te, e tem bom ânimo..." (Js 1.5-6); O salmista aflito reconheceu: "O meu socorro vem do Senhor que fez os céus e a terra... O Senhor é quem te guarda... O Senhor te guardará de todo mal; ele guardará a tua alma" (Sl 121.1-8); Em resposta a oração insistente de Paulo, Deus declarou: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2Co 12.9a). Confiemos, sem vacilar, no amor sustentador de Deus, pois é alívio para nós (Mt 11.28-30).

CONCLUSÃO: O escritor Philip Yancey, no seu livro "maravilhosa graça", escreveu: "Não há nada que você possa fazer para Deus te amar mais, e não há nada que você possa fazer para Deus te amar menos". Nada poderá extinguir o amor de Deus pelos seus filhos, nem mesmo separá-los dele (Rm 8.38-39), uma vez que esse amor é perfeito, sublime e pleno. Deus não brinca de amar e já demonstrou isso quando nos concedeu salvação e vida eterna. 1 Coríntios 13.1-13 é um sussurrar desse amor, quando diz: "O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não se vangloria, não se ensoberbece... tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba...". Tudo o que esse Amor abnegado espera é que permaneçamos nele (Jo 15.10) e prossigamos em conhecê-Lo (Os 6.3).

Lição 07 - CONHECENDO O DEUS SOBERANO, Rm 11.33-36

INTRODUÇÃO: Como disse A.W.Tozer: "A soberania de Deus é um fato bem firmado nas Escrituras e declarado em alta voz pela lógica da verdade". Este ensino é confirmado por Isaías, que diz: "A quem, pois,

fareis semelhante a Deus ou com que o comparareis?" (Is 40.18). Ele não pode ser comparado a nada, e por isso, a dificuldade de se entender este atributo divino. Portanto, esta lição se propõe a trazer luz a este importante atributo divino, comprovando-o de acordo com as Escrituras, exemplificando-o e mostrando a sua aplicabilidade para nossa vida espiritual:

I - A SOBERANIA DIVINA COMPROVADA

Quem dentre os mortais pode apresentar um argumento que conteste a soberania divina? Quem não se cala diante da interrogação: "Operando eu quem impedirá?" (Is 43.13). Cremos que o mais racional é afirmar: "Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido" (Jó 42.2). A absoluta soberania de Deus pode ser constatada no seguinte texto das Escrituras: "Ele é o que está assentado sobre o globo da terra, cujos moradores são para ele como gafanhotos; ele é o que estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar" (Is 40.22). Portanto, vejamos esta soberania nos dois itens abaixo:

1. Na Sua absoluta liberdade (v. 33). Deus é soberano porque é também, onisciente, onipotente e absolutamente livre. Conhece tudo e tem poder sobre tudo. A sua soberania exige que Ele seja totalmente livre para realizar tudo que é do seu beneplácito, a fim de cumprir o seu propósito eterno sem nenhum impedimento. Certamente, a nossa capacidade mental limitada não nos permite entender este conceito de liberdade, pois foi modelada por circunstâncias, onde não existe liberdade absoluta. Às vezes desejamos ser livres como um pássaro, no entanto, sabemos que as aves são limitadas pelas condições climáticas, suprimento de alimentos no seu habitat, predadores, etc. Portanto, somente Deus é completamente livre e, no que tange à salvação eterna, nos oferece esta liberdade (Jo 8.36).

2. Na Sua suprema vontade (v. 34). Nada pode contrariar a vontade soberana de Deus e não existe outro poder que confronte o Seu. Se o menor grau de poder faltasse a Deus, essa partícula seria de outro, e Deus seria um governante limitado. No entanto, a Bíblia diz: "... fora de mim não há Deus" (Is 44.6). Até mesmo o livre arbítrio do homem está condicionado à vontade soberana de Deus, pois o Senhor não determinou qual seria a escolha do homem, mas limitou-o quanto as opções: "... te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição..." (Dt 30.19). Há liberdade na escolha, mas não podemos modificar os resultados da escolha. "Quem não é por mim é contra mim" (Lc 11.23). A escolha é nossa, mas as consequências já foram determinadas pela vontade soberana de Deus.

II - A SOBERANIA DIVINA EXEMPLIFICADA

Deus é soberano sobre o universo e sobre a história da humanidade. Todas as coisas estão no seu controle: "Vede, agora, que eu, eu o sou, e mais nenhum deus comigo; eu mato e eu faço viver; eu firo e eu saró; e ninguém há que escape da minha mão" (Dt 32.39). Faraó tornou-se um exemplo claro da soberania divina, pois dele se diz: "E eu endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga, e serei glorificado em Faraó e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que eu sou o Senhor" (Êx 14.4). Veremos outros exemplos a seguir:

1. Nos fatos envolvendo José (Gn 45.4-8). José foi levado ao Egito pela mão potente de Deus, usando a maldade dos seus irmãos (Gn 50.20). Vê-se claramente que José entendeu o agir de Deus em sua vida, objetivando a preservação da nação israelita. Em cada ato, podemos ver a Sua vontade permissiva, como é o caso da sedução que o levou à prisão; dos sonhos interpretados ali que culminaram em sua liberdade e, do sonho dado a Faraó e posteriormente interpretado por José, que o levou ao governo do Egito. No entanto, esse ato só se tornou maravilhoso por causa do discernimento espiritual de José que apreendeu a soberania do seu Deus, conforme Gênesis 45.8.

2. Nos fatos envolvendo Moisés (At 7.23-30). De modo semelhante, perceberemos a soberania de Deus em fazer com que a promessa feita a Abraão - de que a sua descendência possuiria a terra de Canaã - fosse levada a termo (Gn 15.13; 17.8). Com o nascimento de Moisés e sua miraculosa preservação da morte, nota-se o desenrolar do plano divino. Moisés foi instruído em toda ciência da civilização egípcia, mas, aos quarenta anos de idade, matou um egípcio, e por isso foi obrigado a fugir para as terras de Midiã, onde ficou por mais quarenta anos, sendo preparado para a obra já determinada pelo Senhor (At 7.25; Hb 11.23-26). Em todos esses acontecimentos, vê-se claramente o atributo divino no qual Deus é o Senhor absoluto de tudo. Ele é o grande "Eu Sou" (Êx 3.14).

3. Nos fatos envolvendo Judas (Mt 10.4). Os acontecimentos envolvendo Judas Iscariotes soam como um destino do qual ele não poderia fugir. No entanto, uma análise textual mostra que Deus, conhecendo Judas antes mesmo de vir à existência, fez uma predição acerca dele. Trata-se de mais um atributo divino, a presciência, ou seja, a capacidade de conhecer as pessoas mesmo antes delas nascerem; bem como conhecer as suas obras com antecipação. A soberania de Deus não torna o caráter das pessoas melhores ou piores, apenas o canaliza para cumprir seus planos soberanos. Judas é chamado de filho da perdição antes de trair Jesus (Jo 17.12), porque Deus sabia que a sua maldade não retrocederia. O diabo pôs no coração avarento de Judas, o desejo de extrair lucro por meio da traição (Jo 13.2). Jesus sabia que Judas iria traí-lo, mas em nenhum momento disse que estava determinado que fosse assim; apenas disse que ele faria isto porque era um diabo (Mt 26.21; Jo 6.70,71). Convinha que se cumprissem as Escrituras, porque foi

o Espírito Santo que predisse os fatos, mostrando, assim, a soberania de Deus na história dos homens (At 1.16-20).

III - A SOBERANIA DIVINA APLICADA (vv. 35,36)

Quando conhecemos o Deus soberano, nossa vida muda consideravelmente. A nossa visão, antes entenebrecida, agora percebe que tudo está no Seu controle e que nós somos como "marionetes" em suas mãos poderosas (Is 40.22); por isso "Quem não te temerá?" (Ap 15.4). No entanto, não deve ficar a ideia errada de que não temos liberdade de escolha, mas apenas que os nossos planos finitos estão inseridos no plano superior divino e, portanto, infinito (Is 40.26; 44.24; Rm 11.35,36). Portanto, vejamos a soberania divina aplicada:

1. Nos propósitos gerais. Deus é soberano em suas escolhas e em suas decisões. Para criar todas as coisas, Ele não tomou conselho, apenas decidiu: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?" (Rm 11.33,34). Deus decidiu que suas leis, tais como a lei da gravidade, dos efeitos causados pelo fogo, pelo frio, etc., abrangeriam o universo e ninguém poderia delas escapar. Decidiu, também, que o sol sairia sobre justos e injustos e, igualmente, a chuva e as estações. A semente daria o seu fruto no terreno do justo e do injusto, desde que as leis da semeadura fossem obedecidas.

2. Nos propósitos específicos. As Escrituras revelam que o Senhor é um Deus que trabalha para aqueles que nele esperam (Is 64.4). No entanto, as pessoas que Dele se esquecem, negociam o seu tempo, seu dinheiro, sua saúde e seus sonhos, sem se importar com a existência de um Ser Divino. Elas são para si mesmas, o princípio, meio e fim. Tomam suas próprias decisões e dizem no seu néscio coração, "não há Deus" (Sl 14.1). Todavia, os que conhecem ao Senhor e se relacionam com Ele adequadamente, sabem da sua preocupação com cada detalhe da nossa efêmera existência nesta terra. Ele tem propósitos específicos para cada um dos seus. É por isso que devemos consultar a sua palavra diariamente e orar pedindo direção, pois ele quer participar de todos os nossos pensamentos, vontade e sentimentos. Disto se deduz que temos a liberdade de plantar, colher, comprar, vender, casar, constituir famílias etc., mas de acordo com os propósitos específicos determinados por Ele.

3. No propósito universal. De modo quase sempre imperceptível, a soberania de Deus se expressa na realização do seu plano universal. Estudando as Escrituras Sagradas, percebemos claramente que o Senhor tem um plano que abrange todas as gerações, em todas as épocas. A redenção da humanidade começou antes da fundação do mundo (1Pe 1.20), passando pelo Éden (Gn 1.27), permeando-se nas páginas da Bíblia, até chegar em Apocalipse (Ap 21.3). Este é o plano universal de Deus. A maior expressão desta soberania foi o envio de Jesus Cristo, em tempo determinado (Gl 4.4). E seu plano será levado a termo até que todos e tudo encontrem, em Jesus Cristo, seu ponto de convergência (Ef 1.10). Desta maneira, Deus se empenha por nós, para cumprir seu plano de nos abençoar com a salvação e com a plenitude de vida. Destarte, faz com que todas as coisas cooperem para o bem daqueles que o amam (Rm 8.28).

CONCLUSÃO: Deus é soberano. Todas as coisas estão sob o Seu controle e não existe ninguém que possa contrariar os seus planos eternos. Todavia, é possível decidir a nossa história e prever o nosso fim, se será bom ou ruim, dependendo das nossas escolhas, pois Ele colocou diante de nós o caminho da vida e o da morte, a bênção e a maldição. Devemos nos empenhar em conhecer de modo mais prático e em maior profundidade esse Deus pessoal, invisível, mas real. A nossa bem aventurança está intimamente ligada à maneira como reagiremos dentro do Seu plano geral, específico e universal.

Lição 08 - CONHECENDO O DEUS MISERICORDIOSO, SI 25.1-10

INTRODUÇÃO: Por muitas vezes, a palavra misericórdia é empregada como sinônimo de bondade e amor. Conquanto estejam correlacionadas, há um significado para cada uma delas conforme estamos vendo nesse trimestre. De acordo com o dicionário, "misericórdia" pode ser definida como: "compaixão despertada pela miséria alheia; piedade; perdão". Assim, nesta lição, estudaremos a essência do Deus misericordioso e como sua compaixão se manifesta a nós por meio de suas obras (criação) e de seus atos (salvação).

I - DEUS É MISERICORDIOSO EM SUA ESSÊNCIA

"... quando clamar a mim, eu o ouvirei, porque sou misericordioso" (Êx 22.27). Nesse texto, podemos ver que o próprio Deus se revela, por meio de sua palavra, como um Deus misericordioso: "porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso" (Tg 5.11). Diante desse fato, estudaremos as especificidades desse maravilhoso atributo:

1. Sua misericórdia é imensurável - "Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem" (Sl 103.11). Não obstante a mente humana ser limitada para compreender a distância existente entre a terra e os céus, o salmista utiliza essa medida para declarar a

grandeza da misericórdia de Deus sobre a humanidade. Davi, por exemplo, conheceu e experimentou essa misericórdia em diversas situações diante de seus inimigos; e, mesmo após cometer um grave erro, ele preferiu depender do favor divino (2Sm 24.14). Graças a Deus que, por sua grande misericórdia, sempre se compadece das nossas misérias, pois Ele não despreza um coração quebrantado e contrito (Sl 51.17).

2. Sua misericórdia é eterna - "Lembra-te, Senhor, das tuas misericórdias e das tuas benignidades, porque são desde a eternidade" (Sl 25.6). Passado, presente e futuro é uma divisão temporal estabelecida pelo homem. O tempo para Deus é a eternidade e todas as coisas estão patentes aos seus olhos como um livro aberto. No livro de salmos, o poeta retrata a finitude da vida do homem, comparando-a com a flor do campo, que floresce e logo já não existe (Sl 103.15-17). Em contraste com esse quadro, o salmista nos apresenta um Deus misericordioso que está sempre pronto a ter compaixão por nós, de eternidade a eternidade. O cristão temente a Deus pode desfrutar dessa verdade, confiando que a misericórdia do Senhor será sobre ele de geração em geração (Lc 1.50); ou seja, sobre ele, seus filhos, netos, bisnetos, até que Cristo venha buscar o seu povo. Que bela mensagem de esperança para nós!

3. Sua misericórdia é soberana - "... e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer" (Êx 33.19). Quando Deus olha para a humanidade, contempla-a deteriorada pela ação do pecado. Esse era o contexto em que vivia o profeta Jeremias, pois estava cercado de um povo cheio de iniquidades e culpas (Jr 51.5). No entanto, ele sabia que o Deus de Israel usaria a sua misericórdia para livrá-los de seus inimigos, devido a sua soberania e não pela disposição do povo em servi-lo. Isso nos leva a crer que, por mais que o homem se esforce para ser "bom" aos olhos de Deus, é por Sua soberana misericórdia e graça que somos preservados do juízo (Lm 3.21,22). Como é bom saber que o Senhor não nos trata segundo a multidão dos nossos pecados, mas segundo a sua soberana misericórdia.

II - DEUS É MISERICORDIOSO EM SUA CRIAÇÃO

"... suas misericórdias são sobre todas as suas obras" (Sl 145.9). O Cristão temente ao Senhor é quem mais desfruta da misericórdia divina porque crê nas suas promessas. Porém, a seguir veremos que, algumas vezes, essa misericórdia é estendida e manifesta a toda humanidade indistintamente, por meio da criação.

1. Por sua misericórdia, Deus fez os céus e a terra - "Àquele que com entendimento fez os céus (...) Àquele que estendeu a terra sobre as águas; porque a sua benignidade dura para sempre" (Sl 136.5,6). Além de ser a manifestação da glória de Deus (Sl 19.1), o texto acima declara que a criação dos céus e da terra fez parte do plano original de Deus e reflete a sua misericórdia para com a humanidade. Somente um Deus misericordioso poderia criar todas as coisas e preservar em vida toda a sua obra. Diante desse fato, todo ser vivo é beneficiado com a misericórdia de Deus, pois faz nascer o seu sol sobre maus e bons e descer a sua chuva sobre justos e injustos (Mt 5.45). "Tu só és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quanto nela há, os mares e tudo quanto neles há; e tu os guardas em vida a todos..." (Ne 9.6).

2. Por sua misericórdia, Deus sistematizou o universo. Deus, o arquiteto da criação, colocou em ordem todo o universo e o mantém com o poder da sua palavra (Gn 1.14-19). Toda complexidade do sistema solar revela o cuidado de Deus em preservar a sua criação; a lua, por exemplo, desempenha papel fundamental nas estações do ano, regulando a duração de cada uma delas, revelando assim a misericórdia de Deus sobre a criação. "Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite não cessarão" (Gn 8.22). Não há como enumerar todos os grandes feitos de Deus destinados a nós por sua misericórdia, porque são variados e a terra está cheia deles. O salmista, contudo, no salmo 104, resume de forma magnífica o cuidado do Senhor em conservar todas as coisas por Ele criadas. Ele encerra o seu resumo dizendo: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor. Louvai ao Senhor" (Sl 104.35).

3. Por sua misericórdia, Deus pôs limites às águas do mar - "Limite lhes traçaste, que não ultrapassem, para que não tornem mais a cobrir a terra" (Sl 104.9). Segundo estudiosos, a água cobre 71% da superfície da terra, distribuída principalmente nos cinco oceanos. Assim, observa-se que pela misericórdia de Deus, foi estabelecido limite eterno aos mares, a fim de que suas águas não encubram a terra e destruam toda a criação (Jr 5.22). A Bíblia diz que esse limite foi quebrado nos dias de Noé, com o dilúvio, devido ao pecado generalizado dos homens e à aplicabilidade da justiça divina (Gn 6.13; 7.10). Porém, temos a certeza de que isso não mais acontecerá, ainda que a iniquidade dos homens se multiplique sobremaneira, pois Deus se lembrará da sua aliança devido ao seu amor leal à criação. "E eu convosco estabeleço o meu concerto, que não será mais destruída toda carne pelas águas do dilúvio..." (Gn 9.11).

III - DEUS É MISERICORDIOSO EM SUA SALVAÇÃO

"Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação" (Sl 25.5). No princípio, Deus criou o homem natural e moralmente semelhante a Ele e havia íntima comunhão entre ambos. Mas, com o advento do pecado, essa comunhão foi profundamente afetada e Deus em sua misericórdia arquitetou um plano de salvação para restaurar o homem da condição de pecador e religá-lo ao Criador. Veremos abaixo a misericórdia de Deus atuando para efetivar essa salvação.

1. Por sua misericórdia, Deus estabeleceu alianças – Deus manifestou sua misericórdia para com a humanidade caída por meio da aliança estabelecida com Abraão (Gn 12.2,3). Devido a esse concerto, em

muitos momentos da história de Israel, o Senhor não aplicou a sua justiça sobre o povo rebelde. "Porém o Senhor teve misericórdia deles, e se compadeceu deles... por amor do seu concerto com Abraão..." (2Rs 13.23). Ressalte-se que essa aliança foi preservada porque da descendência de Abraão haveria de se levantar uma salvação poderosa na casa de Davi (Lc 1.69), a fim de que a comunhão rompida no Jardim do Éden fosse definitivamente restaurada. A aliança estabelecida com Abraão nos alcança nos dias atuais, pois Deus continua exercendo sua misericórdia por meio de Jesus Cristo.

2. Por sua misericórdia, Deus ofereceu o Seu Filho - "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos" (1Pe 1.3). A maior manifestação da misericórdia de Deus, sem sombra de dúvida, foi demonstrada quando Ele ofereceu o Seu próprio Filho para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo 3.16,17). Estávamos mortos em nossos delitos e pecados e Deus proveu o Cordeiro perfeito como propiciação por nós (Jo 1.29). Esse Deus misericordioso é o nosso Pai celestial, e a sua vontade é que todos sejam salvos, por meio da fé em Cristo Jesus, que morreu por todos os ímpios a fim de garantir-lhes a salvação eterna (Rm 5.6). Portanto, devemos bendizer a Deus por tão grande amor revelado na pessoa de Jesus Cristo - o Salvador da humanidade.

3. Por sua misericórdia, Deus perdoa o arrependido - Na prática, a misericórdia divina está diretamente relacionada ao amor de Deus pelo seu povo e ao perdão de pecados. Deus a usa para trazer salvação ao coração arrependido, porque Nele há plena redenção (Sl 130.7,8). O livro de Jonas retrata bem esse fato, pois quando os ninivitas estavam caminhando para a perdição e mudaram de direção por meio do arrependimento, Deus teve misericórdia e os livrou a todos. Dessa forma, vemos que Deus está sempre pronto a exercê-la sobre nós, perdoadando nossos pecados, quando nos aproximamos dele em atitude de arrependimento (Mt 9.13). "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem" (Sl 103.13). Louvado seja o Senhor por tão grande misericórdia!

CONCLUSÃO: Nesta lição, aprendemos um pouco mais sobre o Deus misericordioso, que está sempre pronto a se compadecer de nós, porque sua misericórdia é imensurável, eterna e soberana, porquanto jorra de uma fonte inesgotável de amor. Diante dessa certeza, podemos nos achegar com confiança diante do Pai, por meio de Jesus, e alcançar o perdão dos nossos pecados. E ainda que sejamos infiéis, Ele permanece fiel para conosco, porque não pode negar-se a si mesmo (2Tm 2.13).

Lição 09 - CONHECENDO O DEUS SÁBIO, 1Co 1.20-25

INTRODUÇÃO: Sabedoria é uma palavra comumente relacionada à conhecimento, inteligência, capacidade de entendimento e sagacidade, aplicáveis ao ser humano. Mas, e quanto à sabedoria divina? Como ela poderia ser definida? Na verdade, não existe um conceito fechado, aceito por todos os teólogos. A maioria deles, contudo, ratifica que Cristo é a personificação da sabedoria de Deus, uma vez que ultrapassa a todos os limites da ciência humana e o aprendizado empírico. Isso mostra o quão pequeno somos e que a infinidade do saber de Deus não pode ser plenamente compreendida. Cabe ao homem render-se pela fé diante do Pai, ainda que não consiga entender Seus sábios caminhos. Outra perspectiva que devemos ter é vislumbrar as muitas ocasiões em que Deus, propositalmente, provou sua sabedoria pelo contrassenso humano. À lógica dos homens, os planos divinos são absolutamente loucos (1Co 1.23). Não obstante, podemos confiar e devemos buscar conhecê-Lo, pois "o temor ao Senhor é o princípio do saber" (Pv 1.7). A partir deste princípio, analisaremos alguns aspectos da sabedoria de Deus:

I - A SABEDORIA DE DEUS É INFINITA

O conhecimento humano é finito, diferentemente do divino, diante do qual todas as barreiras se desfazem. A sabedoria do Senhor excede a toda ciência dos homens, a todas as experiências comuns ou à possibilidade de entendimento humano, deixando-nos totalmente à mercê da confiança Nele (Tg 3.17).

1. Ultrapassa a ciência humana - "... o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria..." (v. 21 - ARA). A tentativa dos homens de se chegarem a Deus por meio da ciência não foi coroada de êxito. Por isso, sabiamente, Deus se revelou de diversas maneiras, permitindo-se ser encontrado, mesmo a despeito do limitando conhecimento que eles dispunham. A história de Daniel ilustra o quanto a sabedoria de Deus sobrepõe o conhecimento humano, mostrando que o rei Nabucodonosor encontrou nos jovens hebreus dez vezes mais sabedoria que em todos os magos e encantadores - aqueles que dominavam a ciência da época - (Dn 1.20). Além disso, quando confrontados com a exigência de explicação do sonho do rei, os magos estiveram impotentes, enquanto que Daniel mostrou que do Senhor é a sabedoria e Ele conhece até mesmo o que está encoberto (Dn 2.20-22).

2. Transpõe o conhecimento empírico do homem - "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria" (v. 22 - ARA). Muitas pessoas, embora não possuam uma gama de conhecimento elevada, possuem uma sabedoria peculiar, pois extraem de suas experiências pessoais grandes conhecimentos que lhes servem de base altamente aplicável à vida. Os judeus baseavam boa parte do seu conhecimento em sua cultura de sinais. Entretanto, foram confrontados com os propósitos divinos quanto ao

plano de salvação, uma vez que a história de Jesus era vista como uma contracultura de sua época. Eles esperavam um rei salvador que tomaria o poder do império romano e restabeleceria a ordem conforme as experiências históricas do povo. Todavia, ocorreu de maneira totalmente diferente, pois Jesus se mostrou um rei financeiramente pobre, sem poder político e desapegado do trono humano. O Deus sábio não se limita ao nosso conhecimento.

3. Excede o entendimento, levando o homem à fé (v. 24). Com o decurso do tempo, o homem evoluiu em inteligência, passando a ostentar uma consciência aparentemente adulta e madura, ignorando o Criador e, tornando-se indiferente à Sua revelação. A evolução da ciência permitiu a falsa impressão de independência quanto a Deus. Tudo isso, contudo, é mero subterfúgio para tentar remediar o vazio que somente Deus pode preencher. É este vazio que tem feito com que todos os povos busquem um contato com o espiritual, ainda que não com entendimento. Todavia, somente em Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (v. 24), o homem pode suplantar este ceticismo científico, aproximando-se de Deus, pela fé. Para tanto, há que se abandonar, como a um refúgio, tudo aquilo que nos desvia da verdadeira sabedoria. "Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refúgio, para ganhar a Cristo" (Fp 3.8 - ARA).

II - A SABEDORIA DE DEUS CONTRARIA A LÓGICA HUMANA

É visto que muitos dos propósitos de Deus andam na contramão do pensamento humano, em virtude de Sua sabedoria. Por esta razão, quando comparados com a razão e os fundamentos lógicos de nossos conhecimentos, são considerados como loucura. Eis alguns motivos:

1. Contraria a razão dos povos - "Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria" (v. 22 - ARA). Conceitua-se razão como sendo a faculdade de compreender relações, distinguindo, com julgamento de valores, o verdadeiro e o falso, o certo e o errado. Para os judeus, o comportamento de Jesus confrontava seus valores éticos e princípios morais (Mt 11.19; Mt 23.13-36). Eles não conseguiam discernir, por meio da razão, o certo e o errado. Para os gregos, que em sua maioria não criam na ressurreição, a vida de Cristo era-lhes incompreensível, pois transpunha a capacidade que eles tinham de racionalizar e efetuar juízos de valor (At 17.32-34). Em diversas partes, a Bíblia mostra como a sabedoria de Deus contraria a maneira racional dos povos (Êx 8.16-19; 2Cr 9.1).

2. Contraria o fundamento comum (v. 23). Fundamento significa base, alicerce, sustentáculo. A sabedoria de Deus, baseado na vida de Jesus, confronta a todo e qualquer fundamento comum aos povos. Para os judeus, por exemplo, a crucificação de Cristo, bem como o título posto na parte superior da cruz dizia "este é Jesus, o Rei dos Judeus" (Mt 27.37 - ARA), era um escândalo. Quem poderia, em sã consciência, venerar a um rei vencido, pendurado em uma cruz? Eles não compreendiam, contudo, que Deus, em sua infinita sabedoria, os salvaria contrariando as bases do povo. Conosco não é diferente. Por vezes, Deus também inverte polos, muda filosofias, mostra-nos novas perspectivas. Há uma máxima que diz que "quando pensamos ter todas as respostas, Deus muda todas as perguntas".

3. É vista como loucura pelo homem (v. 25). Quando Paulo escreveu a carta aos coríntios, a encaminhou a um povo de baixo poder aquisitivo e que não tinha amplo acesso à educação da época. Se as coisas de Deus estivessem limitadas ao conhecimento humano, possivelmente a salvação estaria condicionada apenas às pessoas com elevado grau de informação, e as demais estariam excluídas. No entanto, a chave para se compreender a sabedoria de Deus está com o Espírito Santo. Ele é Deus e, portanto, o elo entre o Senhor e a humanidade, em referência à possibilidade de se entender os propósitos do Pai. Nenhum ser humano poderá compreender o divino apenas por seus próprios conhecimentos. Pedro reiterou este argumento quando afirmou que Jesus era o Cristo, o filho do Deus vivo, ao que Jesus respondeu: "não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus" (Mt 16.17).

CONCLUSÃO: Conhecer o Deus sábio é imprescindível à vida cristã. Deve-se levar em conta que a Sua sabedoria ultrapassa os limites humanos, a ciência, a experiência empírica e até a possibilidade de se entender os desígnios eternos. Além disso, a sabedoria de Deus, em muitos casos, se contrapõe à lógica do homem, seja pela razão ou fundamento humano. Enquanto o homem não perceber que apenas pelo Espírito de Deus sua sabedoria pode ser compreendida, enxergará tudo apenas como pura loucura. Que nosso coração esteja inclinado para conhecê-Lo.

Lição 10 - CONHECENDO O DEUS BONDOSO, SI 145.1-21

INTRODUÇÃO: Este salmo expressa louvor à divina providência de Deus, executada por causa da grandeza da Sua bondade em favor da sua criação. Ele está em perfeita sintonia com muitos outros salmos que nos convidam a exaltar ao Senhor por este atributo inefável: "Louvai ao Senhor, porque ele é bom..." (SI 136.1a). O louvor e a adoração que o salmista devota é decorrente do cuidado amoroso do Senhor (v. 9), e ele se dispõe a propagá-lo abertamente: "Falarei da magnificência da tua majestade e das tuas obras maravilhosas" (v. 5). Vejamos o que Deus pode nos ensinar por meio de Sua bondade:

I - A SUA BONDADE PODE SER DEMONSTRADA

Toda a criação proclama os feitos estupefacentes do Senhor, anunciando a sua bondade. Como os filhos de Coré, podemos proclamar: "No teu Templo, ó Deus, ficamos pensando no teu amor" (Sl 48.9 - BLH). Veremos, a seguir, como Deus manifesta a sua bondade:

1. Nas Suas grandes obras - "Todas as tuas obras te louvarão, ó Senhor, e os teus santos te bendirão" (v. 10). A natureza aponta para a existência de Deus, pois ela é a obra de suas mãos (Sl 19.1). Sua inteligente e vasta criação, com tudo o que é necessário e sustentável para vivermos e dela gozarmos abundantemente, nos leva a admirá-lo e reconhecer que tudo o que Ele criou é bom (1Tm 4.4). Por esta razão, percebemos a sua bondade em nos agraciar com toda boa dádiva.

2. No testemunho dos Seus servos - "Publicarão abundantemente a memória da tua grande bondade e cantarão a tua justiça" (v. 7). Uma das formas de fazer a bondade de Deus conhecida é por meio da publicação ou divulgação pela boca de seus servos (Is 63.7). Somos testemunhas dos benefícios do Senhor (Sl 27.13). À vista disso, convocamos a todos a proclamar o bem que tem feito a nossa alma (Sl 103.1,2), falando das suas gloriosas e majestosas obras (v. 5). Como já provamos dos bens do Senhor, devemos levar outros a provar o quanto Ele é bom (Sl 34.8).

3. Na eternidade - "O teu reino é um reino eterno; o teu domínio estende-se a todas as gerações" (v. 13). O reino e o domínio de Deus são de glória transcendente e estende-se a todas as gerações. As virtudes do seu reino eterno são de justiça, paz e alegria (Rm 14.17), cuja bondade e amor são melhores do que esta curta existência na terra (Sl 63.3). O que o Senhor preparou para aqueles que o amam, nunca foi visto, ouvido ou sentido no coração (1Co 2.9), isso prova que Deus é bom e a sua misericórdia dura para sempre (Sl 136.1).

II - A BONDADE É INERENTE A SUA PESSOA

Quando pensamos em Deus, o que vem à nossa mente é a imagem de um Ser perfeitamente bom, cuja natureza é santa, justa, pura, sem parcialidade e plena de misericórdia (Tg 3.17). O atributo da bondade é claramente manifesto na pessoa de Deus, como veremos a seguir:

1. Pode ser vista na Sua equidade - "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos e santo em todas as suas obras" (v. 17). A bondade de Deus é dispensada aos seus filhos (vv. 9,15), sem, no entanto, ferir ou contrariar a sua justiça, retidão e verdade (Is 45.24). A sua imparcialidade não permite que suas leis sejam violadas e que atos de desobediência fiquem sem a justa recompensa (v. 20). No entanto, por ser bom, faz com que o justo e o injusto desfrutem dos seus benefícios igualmente (Mt 5.45). Ele é bom para todos e quer que todos se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4).

2. Pode ser comprovada no Seu caráter - "Piedoso e benigno é o Senhor, sofredor e de grande misericórdia" (v. 8). Deus é bom em Si mesmo (Mt 19.17), e, segundo sua palavra, Ele é própria caridade (1Jo 4.7,16). Trata-se de uma fonte que jamais se seca e inclui a piedade, a paciência e a misericórdia. O Senhor não muda e, assim como revelou a sua bondade a Moisés, continua fazendo conosco: "...Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti e apregoarei o nome do Senhor diante de ti; e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem me compadecer" (Êx 33.19). Hoje podemos experimentar a bondade de Deus em Jesus Cristo, que se entregou por nós, numa suprema demonstração de amor. A bondade de Deus é incontestável, principalmente quando se percebe que Ele dispensou a Sua graça salvadora a pecadores que não a mereciam.

III - A SUA BONDADE É A NOSSA PROVIDÊNCIA

Deus, como supremo criador, é abundantemente generoso em dádivas providenciais (Tg 1.17). A infalibilidade da bondade divina é a resposta óbvia de um cuidado constante para com os Seus, mas que não nos isenta de exercer dependência a Ele e de trilhar caminhos de provações e tentações, como veremos a seguir:

1. O Seu cuidado é constante - "Os olhos de todos esperam em ti, e tu lhes dás o seu mantimento a seu tempo. Abres a mão e satisfazes dos desejos de todos os viventes" (vv. 15,16). O Senhor tem cuidado de nós (1Pe 5.7). Mesmo quando pensamos que os nossos fardos são mais pesados do que podemos suportar e duvidamos se poderemos prosseguir, Ele vem e sustenta-nos no nosso abatimento: "O Senhor sustenta a todos os que caem e levanta a todos os abatidos" (v. 14). Deus conhece as nossas necessidades, mesmo antes de lhe dirigirmos os nossos pedidos (Mt 6.8). Sendo Ele quem sustenta as aves do céu e quem provê as vestes dos lírios, por acaso não cuidaria dos Seus filhos, tendo eles um incomparável valor? (Mt 6.26-32).

2. A sua bondade se manifesta aos que O buscam - "Ele cumprirá o desejo dos que o temem; ouvirá o seu clamor e os salvará" (v. 19). Que bem maior podemos ter senão o próprio Senhor? Ele oferece a Sua íntima e duradoura comunhão aos que o honram e o tem na mais alta consideração (Lm 3.24,25). A provisão de sua presença é reservada aos que O invocam em verdade: "Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade" (v. 18), porque são estes que terão seus desejos atendidos (v. 19). Ainda que nossa alma esteja "abatida até o pó", se a Ele invocarmos, levantar-se-á e "nos resgatará por amor das suas misericórdias" (Sl 44.25,26). Louvemos "ao Senhor pela sua bondade e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens" (Sl 107.8). Só Ele trabalha para os que Nele esperam (Is 64.4).

CONCLUSÃO: Vimos o quanto Deus é bom e zeloso em seus atos de bondade para conosco. A grandeza deste fato pode ser revelada pela imensidão de suas obras maravilhosas que, conseqüentemente, revelam os atributos do seu Ser e avançam para a esfera pessoal onde podemos experimentar o relacionamento com um Deus que se importa com os Seus: "Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um Deus além de ti, que trabalha para aquele que nele espera" (SI 64.4).

Lição 11 - CONHECENDO O DEUS ONISCIENTE E ONIPRESENTE, SI 139.1-12

INTRODUÇÃO: Conhecer o Deus que é Onipresente e Onisciente vai além de uma declaração verbal. Esse conhecimento exige intimidade e comunhão com Ele, levando-nos a um comportamento diferente daquele que praticávamos outrora. O salmo 139 traz uma mensagem de um autor que não apenas aceita que Deus está em todos os lugares e sabe de todas as coisas, mas que O adora por reconhecer as implicações geradas por esses atributos. O salmista confessa não apenas ter sido ensinado dessa forma, mas ter descoberto, em meio à sua intimidade com Deus, que Ele é de fato, onisciente e onipresente. Vejamos as implicações do relacionamento com um Deus onisciente e onipresente:

I - SOMOS CIENTES DA IMPOSSIBILIDADE DE FUGA

Quando entendemos que Deus sabe tudo e que está em todos os lugares, não perdemos tempo agindo de forma contrária à sua vontade, pois temos a firme consciência de que é impossível fugir Dele. Vejamos:

1. É impossível fugir do cuidado de Deus - "Tu me cercastes em volta e puseste sobre mim a tua mão" (v. 5). Deus jamais desampara os seus. Ele está em todos os lugares não apenas testemunhando nossos desertos, mas nos auxiliando em sua travessia. "Como estão os montes à roda de Jerusalém, assim o Senhor está em volta do seu povo, desde agora e para sempre" (SI 125.2). Reconhecer a onipresença e onisciência de Deus é acreditar que estamos acompanhados a todo instante. Não importa se estamos passando pelas amargas águas de Mara (Êx 15.23) ou adentrando a terra prometida, Ele nos cerca por trás e por diante com um cuidado do qual não podemos escapar, mesmo que, por motivos diversos, tentemos fazê-lo.

2. É impossível fugir da justiça divina - "Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também" (v. 8). Aquele que reconhece a onipresença e a onisciência divina sabe que não pode fugir de Sua justiça. Por vezes, vemos o caminho do ímpio prosperar e até questionamos se Deus está ciente de suas ações pecaminosas. Contudo, quanto mais intimidade com nosso Senhor, mais certos ficamos de que Sua justiça finalmente prevalecerá (1Rs 22.30-40). Saul e Davi retratam bem esta questão. Enquanto que o primeiro tentou até as últimas conseqüências justificar seus erros e burlar a justiça de Deus, o segundo se convenceu de que não havia como escapar dela. Suas histórias deixam claro a diferença da ação da justiça de Deus naquele que reconhece a soberania divina (SI 94.12-13) e naquele que age como se pudesse ludibriar o próprio Deus (1Sm 15.22-23). A Sua justiça chega para todos, mas só aprende com ela quem quer.

3. É impossível fugir da presença do Senhor - "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face?" (v. 7). Várias são as razões que levaram (e ainda levam) ímpios e servos de Deus a tentar fugir da presença do Senhor: vergonha pelo pecado, medo, desobediência à voz de Deus, etc. O livro de Jonas é em si o relato de um servo que, por motivos "racionalmente legítimos", não quis obedecer à ordem de Deus e escolheu, sem sucesso, tentar fugir de sua presença (Jn 1.3). Afinal, entender que os bárbaros ninivitas, que por décadas torturaram vários povos, também sejam dignos do perdão divino não é nada fácil! O profeta, contudo, descobriu que nem no ventre de um peixe, nas profundezas do mar, estaria fora do alcance do criador e a Ele clamou dizendo: "Na minha angústia, clamei ao Senhor, e ele me respondeu; do ventre do inferno gritei, e tu ouviste a minha voz" (Jn 2.2).

II - SOMOS CIENTES DE QUE DEUS CONHECE TUDO

"E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes, todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar" (Hb 4.13). Aquele que conhece o Deus onisciente e onipresente sabe que Ele conhece bem todos os segredos. Vejamos:

1. Ele sabe o que fazemos e porque fazemos - "Senhor, tu me sondas e me conheces" (v. 1-3). Com essas palavras, o salmista reconhece o supremo conhecimento divino sobre a sua vida. A sonda é uma espécie de instrumento utilizado para medir a profundidade de rios, ou locais que não podem ser fisicamente alcançados. Ao reconhecer que Deus nos sonda, estamos reconhecendo que Ele nos conhece em profundidade, e sabe exatamente quem somos, por onde andamos, o que fazemos e porque fazemos. Podemos enganar nossos irmãos ou até a nós mesmos, mas não a Deus. Se O temos em nossos lábios, mas não em nossos corações, Ele o sabe (Jr 12.2,3). Nossa aparência e nossas obras não são capazes de camuflar nosso coração perante o Senhor. No momento de escolher um substituto para Saul, até o sábio profeta Samuel se deixou levar pela aparência. Todavia, aquele que conhece os corações o impediu de ungir a Eliabe com rei de Israel (1Sm 16.6-7).

2. Ele conhece nossas atitudes futuras - "Sem que haja uma palavra na minha língua, eis que, ó Senhor, tudo conheces" (v. 4). Deus não apenas sabe o que somos e o que fizemos, mas o que nos tornaremos e o que faremos. Quando Pedro disse que morreria por Cristo se fosse preciso, realmente tinha intenção de fazê-lo; o que Ele não tinha era conhecimento suficiente para saber que não seria capaz de cumprir com o desejo de seu coração. Devemos cuidar para não fazermos votos movidos pela emoção. Deus, que nos conhece, não coloca sobre nós fardos que não possamos suportar, pois Ele sabe dos nossos limites. Em contrapartida, nós não temos mais do que um vislumbre de nossa presente intenção. Jesus conhecia o amor de Pedro, bem como sabia que ele seria martirizado por causa do Evangelho. Contudo, as palavras de negação que esse apóstolo proferiria horas mais tarde já ecoavam nos ouvidos do Senhor (Jo 3.38). Ele sabe tudo o que vamos fazer, antes mesmo de o fazermos.

3. O conhecimento de Deus está acima da nossa compreensão - "Tal ciência é para mim maravilhosíssima; tão alta que não a posso atingir" (v. 6). Quanto mais conhecermos ao Deus onisciente e onipresente, menos O questionaremos, por uma razão muito simples: sabemos que Seu conhecimento é muito maior do que podemos suportar. Se compreender o "raciocínio de Deus" fosse requisito para cumprir Suas ordenanças, Gideão não teria saído pra lutar com uma parcela mínima de seus homens disponíveis, armados com tochas e jarros (Jz 7.7); Josué não teria conquistado Jericó (Js 6.1-21); Davi não teria matado Golias (1Sm 17.49); Felipe não teria sido "teletransportado" (At 8.39-40); e Pedro não teria andado sobre as águas (Mt 14.29). Não importa se a estratégia parece insana, se o plano vem de Deus, Ele sabe exatamente o que está fazendo e não devemos perder tempo tentando compreender, basta dar o primeiro passo que Ele faz o chão aparecer embaixo de nossos pés. "Porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos..." (Is. 55.9).

CONCLUSÃO: Conhecer o Deus onipotente e onisciente é muito importante, pois o reconhecimento da grandeza divina inevitavelmente gera mudança de atitude, e nos transforma. Quando compreendemos que é impossível sair da presença de Deus e que Ele conhece plenamente a tudo e a todos, tornamo-nos adoradores mais autênticos, servos mais confiantes e dependentes. Não há como refletir sobre o caráter de Deus e não adorá-lo na beleza da sua santidade, ou não confiar plenamente em Sua suprema ciência e presença. Quando conhecemos plenamente o nosso Deus, temos ousadia para sairmos de nossa zona de conforto sempre que Ele nos confia um de seus maravilhosos planos, embora muitas vezes sejam eles incompreensíveis. Não há como conhecer o Deus onipresente e onisciente e permanecer o mesmo.

Lição 12 - CONHECENDO O DEUS ONIPOTENTE, Jó 40.1-14

INTRODUÇÃO: Poderíamos dizer que conhecemos a Deus? Ao abordarmos a experiência de Jó entendemos que, ainda que O conheçamos um pouco, tal conhecimento jamais abarcará, de fato, o que Deus é em sua totalidade. O profeta Oséias adverte que esse conhecimento deve ser uma constante, pois diz: "Conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor" (Os 6.3), ainda na eternidade, continuaremos a conhecê-lo cada vez mais. Nesta lição temos a oportunidade de abordar um dos assuntos que mais interessa aos crentes: a onipotência de Deus, ou seja, o que Ele pode fazer. A Bíblia, por inteiro, declara esse atributo singular de Deus, quando expressa Seus atos e vontades em todas as suas páginas. Cabe-nos investigar, como fez Moisés, a fim de entendermos a resposta do próprio Deus a Seu respeito quando disse: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). Portanto, vejamos:

I - DEUS ESTÁ ACIMA DE QUALQUER ARGUMENTO

Com base no texto extraído para essa lição, podemos dizer que é comum encontrarmos cristãos, e muitos não cristãos, questionando a gestão de Deus, no que diz respeito à humanidade. Todos querem saber o porquê do sofrimento, o porquê do agir em determinadas circunstâncias. Dizem: "Não poderia ser desse ou daquele jeito?" Somos tentados, como Jó, a dizer que Deus governa o mundo de modo impróprio (vv 6-8). No entanto:

1. Ninguém jamais pode censurá-lo - "Porventura, o contender contra o Todo-poderoso é ensinar?" (v. 2). Como compreender que o sofrimento dos justos é instrumento para a realização dos sábios propósitos de Deus? Ora, se nós não conseguimos compreender nem mesmo como funciona a criação, e nem entender como e por que as coisas acontecem, como pensaríamos em questionar a Deus? No capítulo anterior, o Senhor faz perguntas que homem algum jamais poderia responder, mesmo que tivesse todo o conhecimento do mundo. Deus estava mostrando a Jó que era uma insensatez argumentar com o Altíssimo, porque ele não tinha inteligência para tal. Ainda assim, Deus podia fazê-lo reconhecer suas próprias limitações humanas quanto à compreensão dos Seus caminhos no mundo. Ele era justo e misericordioso, mesmo que Jó não compreendesse a maneira de Deus operar na sua vida. Aprendemos com isso que, mesmo quando estamos sob o sofrimento, Ele está controlando tudo e, certamente, podemos confiar nele.

2. Ninguém anula os seus juízos. A ideia de que Deus estava castigando a Jó de maneira injusta fez com que lhe perguntasse: "Porventura, também farás tu vão o meu juízo..." (v. 8a). A visão humana sobre o governo divino é extremamente limitada, o que nos leva a rejeitar a sua bondade e justiça, e nisso pecamos.

Por mais sincero, reto, temente a Deus, e por mais que Jó tivera se desviado do mal (Jó 1.1), tendo em vista todos aqueles anos de adoração, dedicação e fidelidade, ainda assim, não poderia anular os juízos insondáveis de Deus. Nunca chegaremos a compreender as razões da dor que sofremos por meio de Sua vontade permissiva, visto que, nem mesmo temos acesso aos acontecimentos que nos rodeiam nas regiões espirituais. Se nossa fé está sendo testada e nosso caráter cristão está sendo aperfeiçoado, como compreender com clareza, se somos insignificantes diante da sabedoria oculta de Deus? (1Co 2.7).

3. Ninguém pode se justificar perante Ele - "... ou me condenarás para te justificares?" (v. 8b). O profeta Isaías nos ensina que, diante de Deus, a "nossa justiça é como trapo de imundícia" (Is. 64.6). É um choque para o ser humano quando as escamas que impossibilitam uma perfeita auto avaliação são retiradas e o culpado chega à condição de saber que suas possíveis boas obras são como trapos de imundícia. Como poderíamos nos justificar perante o Senhor? Pelo contrário, é Ele quem nos justifica. (Rm 8.33b). Isso traz alento, porque não importa quantos erros tenhamos cometido, ao clamarmos por perdão reconhecendo que Jesus é o salvador, somos justificados e temos a chance de viver uma nova vida na presença do Pai.

II - A VONTADE DE DEUS É SOBERANA

A Constituição da República Federativa do Brasil traz, no artigo 1º, parágrafo único: "Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de seus representantes..." Como cidadãos brasileiros, nos submetemos a esse regime. Porém, como cidadãos do céu, a nossa carta magna diz:

1. Ele humilha o soberbo - "... e atenta para todo soberbo, e abateo..." (v. 11). Jesus contrariou o mundo com os seus ensinamentos e com as suas ações. Com Ele não havia meio-termo nem superficialidade. Ele conhecia o que se passava nos corações de cada um que Dele se aproximava e ia direto à questão. Sempre se mostrou poderoso para abater os exaltados, que em seus corações eram soberbos. Maria menciona isso em seu cântico quando diz: "... dissipou os soberbos no pensamento de seu coração" (Lc 1.51). João diz que Ele "... não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque Ele bem sabia o que havia no homem" (Jo 2.25). De fato, Deus é poderoso para destronar os que se acham importantes; e, quantos aos orgulhosos, cheios de sabedoria e justiça própria, eles são despedidos vazios. Mas, também, "... do pó levanta o pequeno e, do monturo, ergue o necessitado, para o fazer assentar com os príncipes..." (Sl 113.7-8).

2. Ele tem o controle sobre os perversos - A perversidade do homem é vista em toda a Bíblia, porém, nos salmos aprendemos que Deus também tem o controle sobre os perversos. O problema do perverso (ímpio) também trouxe perplexidade ao profeta Jeremias (Jr 12.1). Por que parece que a perversidade está vencendo a justiça? O salmo 73, de Asafe, traz a impressão de que compensa mais a perversidade que a justiça. Ouve-se, no salmo, um grito de protesto ao que parece ser a indiferença de Deus contra os que praticam a maldade e ainda prosperam. "Eis que estes são ímpios; e, todavia, estão sempre em segurança, e se lhes aumentam as riquezas" (Sl 73.11). Contudo, é sempre bom lembrar que Deus faz diferença entre o justo e o ímpio (Mt 3.18). Em toda a Bíblia, a palavra de julgamento é proclamada contra os chamados ímpios, aqueles que não servem a Deus, o que nos mostra que os Seus olhos estão sobre eles também. Ele tem o controle de tudo e de todos.

3. Ele Executa seu juízo sobre os ímpios - "Olha para todo o soberbo, e humilha-o, e atropela os ímpios no seu lugar" (v. 12). Sabemos que o mal é praticado no mundo porque Deus dotou o homem do livre arbítrio, e isso Ele não violará. Porém, mesmo sendo difícil de entender, podemos estar certos de que, até nos atos maus dos homens, Deus executa os seus planos, que redundará finalmente em dominar e exterminar o mal para sempre. A Sua resposta à pergunta de Faraó: "Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei para deixar ir Israel?" (Êx 5.2), foi executar o seu juízo sobre o Egito e sobre Faraó, ao destronar seus deuses, provando que somente o Deus de Israel é o Deus Todo-Poderoso. Aprendemos nos capítulos 1 e 2 de Jó que até mesmo satanás nada pode fazer sem a permissão de Deus e, por fim, será aniquilado (1Co 15.24).

CONCLUSÃO: "Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso" (Ap 1.8). O Deus onipotente, aquele que realiza o impossível e tem o controle de tudo, deve ser suficiente para nós. Não precisamos correr atrás de qualquer outro subterfúgio, porque tudo o que Deus tem feito é se revelar a nós como aquele que faz muito além do que pedimos ou pensamos, simplesmente porque Ele é poderoso para fazê-lo.

Lição 13 – RECAPITULAÇÃO, SI 136.1-15

INTRODUÇÃO: O objetivo desta recapitulação é trazer à lembrança os ensinamentos principais ministrados no trimestre:

I - CONHECENDO O DEUS QUE SE REVELA (RM 1.18-32)

Sabemos que o conhecimento de Deus é limitado ao homem. Todavia, devemos nos empenhar ao máximo em conhecê-lo (Os 6.6). Ele se revela por meio de Sua criação, por meio das Escrituras Sagradas e por meio de Jesus Cristo (Hb 1.1).

II - CONHECENDO O DEUS ESPÍRITO - (João 4.22-24)

A Bíblia nos traz o conhecimento de que Deus é uma pessoa (Jó 13.8). Entretanto, não como eu ou você, visto que uma característica importantíssima, dentre outras, O separa dos demais seres, qual seja o de ser substancialmente espírito e, como tal, invisível aos nossos olhos, mas, sempre presente. Seus atributos são refletidos em Cristo, que é o "resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3).

III - CONHECENDO O DEUS SANTO (1PE 1.13-16)

A santidade é o atributo que expressa a genuína pureza moral de Deus, tornando-o intolerante à maldade. Deus é distintivamente santo. Esse atributo divino, além de ser uma referência à sua total separação do mal, ratifica também sua glória e honra: "Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal..." (Hab 1.13). A Sua santidade requer que nos assemelhemos a Ele (1Pe 1.15).

IV - CONHECENDO O DEUS GRACIOSO (EF 2.5-10)

A graciosidade de Deus se confunde com seu próprio caráter. Ele foi gracioso no passado, é gracioso no presente (Ef 2.13) e será gracioso no futuro (Ef 2.7). Segundo a Bíblia, nós estávamos mortos, mas revivemos; éramos perdidos, mas fomos achados (Lc 15.32). Foi Deus quem fez isto. Ele nos vivificou. Nele, e somente Nele, encontramos vida (Jo 1.4).

V - CONHECENDO O DEUS JUSTO (SL 9.1-10)

Ele é justo quando exige que julguemos segundo a verdadeira justiça (Jo 7.24), quando exige que sejamos imparciais nos nossos relacionamentos, quando exige que vivamos segundo o seu padrão de retidão (1Jo 2.29). Conhecer mais a Deus implica em imitar ao Seu filho Jesus em todos os seus atos e quando Cristo se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como Ele é o veremos (1Jo 3.2b). A Bíblia diz que toda injustiça é pecado, e quem é nascido de Deus não vive na prática do pecado (1Jo 5.17,18).

VI - CONHECENDO O DEUS AMOROSO (JO 4.6-12)

Deus não visualizou o nosso sucesso intelectual, profissional ou mesmo espiritual, antes nos amou, mesmo quando não O conhecíamos. Estávamos mortos em nossas ofensas, mas Deus "pelo seu muito amor com que nos amou... nos vivificou juntamente com Cristo... e nos fez assentar nos lugares celestiais" (Ef 2.4-6). A Bíblia não diz que o Senhor esperou que fôssemos santos, bons, amorosos, justos ou moralmente corretos, para depois nos amar (Rm 5.6). Ele simplesmente nos amou (Jo 3.16). "Como é precioso o teu amor! Na sombra das tuas asas, encontramos proteção" (Sl 36.7 NTLH).

VII - CONHECENDO O DEUS SOBERANO (RM 11.33-36)

A absoluta soberania de Deus pode ser constatada em Isaías 40.22. Deus é soberano na Sua absoluta liberdade e na Sua suprema vontade. Nada pode contrariar a vontade soberana de Deus e não existe outro poder que confronte o Seu. "Quem não é por mim é contra mim" (Lc 11.23). Quando conhecemos o Deus soberano, nossa vida muda consideravelmente. A nossa visão, antes entenebrecida, agora percebe que tudo está no Seu controle e que nós somos como "marionetes" em suas mãos poderosas (Is 40.22); por isso "Quem não te temerá?" (Ap 15.4).

VIII - CONHECENDO O DEUS MISERICORDIOSO (SL 25.6-11)

A Sua misericórdia é imensurável (Sl 103.11), eterna (Sl 25.6) e soberana (Êx 33.19). A maior manifestação da misericórdia de Deus, sem sombra de dúvida, foi demonstrada quando Ele ofereceu o Seu próprio Filho para que o mundo fosse salvo por Ele (Jo 3.16,17). Estávamos mortos em nossos delitos e pecados e Deus proveu o Cordeiro perfeito como propiciação por nós (Jo 1.29). Esse Deus misericordioso é o nosso Pai celestial, e a sua vontade é que todos sejam salvos, por meio da fé em Cristo Jesus, que morreu por todos os ímpios a fim de garantir-lhes a salvação eterna (Rm 5.6).

IX - CONHECENDO O DEUS SÁBIO (1CO 1.20-25)

O conhecimento humano é finito, diferentemente do divino, diante do qual todas as barreiras se desfazem. A sabedoria do Senhor excede a toda ciência dos homens, a todas as experiências comuns ou à possibilidade de entendimento humano (Tg 3.17). Em diversas partes, a Bíblia mostra como a sabedoria de Deus contraria a maneira racional dos povos (Êx 8.16-19; 2Cr 9.1).

X - CONHECENDO O DEUS BONDOSO (SL 145.1-21)

Toda a criação proclama os feitos estarrecedores do Senhor, anunciando a sua bondade, pois uma das formas de fazer a bondade de Deus conhecida é por meio da publicação ou divulgação pela boca de seus servos (Is 63.7). Somos testemunhas dos benefícios do Senhor (Sl 27.13). À vista disso, convocamos a todos a proclamar o bem que tem feito a nossa alma (Sl 103.1,2), falando das suas gloriosas e majestosas

obras (v. 5). Como já provamos dos bens do Senhor, devemos levar outros a provar o quanto Ele é bom (Sl 34.8).

XI - CONHECENDO O DEUS ONISCIENTE E ONIPRESENTE (SL 139.1-12)

Reconhecer a onipresença e onisciência de Deus é acreditar que estamos acompanhados a todo instante. Não importa se estamos passando pelas amargas águas de Mara (Êx 15.23) ou adentrando a terra prometida, Ele nos cerca por trás e por diante com um cuidado do qual não podemos escapar. É impossível fugir da presença do Senhor: "Para onde me irei do teu Espírito ou para onde fugirei da tua face?" (v. 7).

XII - CONHECENDO O DEUS ONIPOTENTE (JÓ 40.1-14)

Como compreender que o sofrimento dos justos é instrumento para a realização dos sábios propósitos de Deus? Ora, se nós não conseguimos compreender nem mesmo como funciona a criação, e nem entender como e por que as coisas acontecem, como pensaríamos em questionar a Deus? A visão humana sobre o governo divino é extremamente limitada, o que nos leva a rejeitar a sua bondade e justiça, e nisso pecamos. Nunca chegaremos a compreender as razões da dor que sofremos por meio de Sua vontade permissiva, visto que, nem mesmo temos acesso aos acontecimentos que nos rodeiam nas regiões espirituais.

CONCLUSÃO: Concluindo este trimestre oramos a Deus para que todos os seus filhos sejam cheios do conhecimento de Deus e da Sua vontade.